

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES  
PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Dárley Antônio Leal

**INFREQUÊNCIA ESCOLAR ENTRE ALUNOS DO 6º AO 9º ANO DE UMA  
ESCOLA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte  
2019

Dárley Antônio Leal

**INFREQUÊNCIA ESCOLAR ENTRE ALUNOS DO 6º AO 9º ANO DE UMA  
ESCOLA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Gilmar Moura da Silva

Belo Horizonte  
2019

L435i Leal, Darley Antônio, 1981-  
Infrequência escolar entre alunos do 6º ao 9º ano de uma escola  
municipal de Belo Horizonte [manuscrito] / Darley Antônio Leal. - Belo  
Horizonte, 2019.  
52 f., il.

Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Gilmar Moura da Silva

1. Educação. 2. Escolas - Frequência. 3. Evasão escolar. 4.  
Motivação na educação.

I. Título. II. Silva, Gilmar Moura da. III. Universidade Federal de  
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.193

Catlogação na Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para  
Educação Básica

**ATA DE DEFESA DO SEXCENTÉSIMO QUADRAGÉSIMO QUARTO TRABALHO FINAL DO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “**Infrequência escolar entre alunos do 6º ao 9º ano de uma escola municipal de Belo Horizonte**”, do(a) aluno(a) **Dárley Antônio Leal**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Gilmar Moura da Silva (orientador) e Virgínia Souza Oliveira. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 9,30, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Darley Antonio Leal  
Darley Antônio Leal

Registro na UFMG: 2018748836

Gilmar Moura da Silva  
Gilmar Moura da Silva  
Professor(a) Orientador(a)

Virgínia Souza Oliveira  
Virgínia Souza Oliveira  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha  
Ana Maria de Castro Rocha  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Dedico esse trabalho aos dois extremos que vivi. Primeiro à memória de minha mãe, que sempre teve a educação como objetivo para seus filhos e ao meu pai que foi companheiro e ajudante na busca dos objetivos dela. Segundo à minha filha Mariana. Que por ela eu tenha o mesmo êxito que meus pais tiveram.

## RESUMO

O presente trabalho mostra o estudo realizado com alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, com histórico de infrequência escolar, em uma instituição de ensino municipal de Belo Horizonte. O objetivo da pesquisa foi entender os motivos do absenteísmo dos alunos e propor ações que minimizem o problema. Os sujeitos da pesquisa foram selecionados por meio do relatório de frequência da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, totalizando 64 estudantes com 25% ou mais de faltas no período letivo de fevereiro a abril de 2019. Para tanto foi realizado grupo focal para a escuta dos estudantes, realizadas entrevistas não estruturadas com as famílias e consideradas as falas dos professores nos momentos de conselhos de classe, além da aplicação de questionários. A partir dos dados coletados, foi realizado monitoramento diário e incentivo aos alunos. Os dados foram analisados por meio da leitura de referencial teórico sobre o tema. Percebeu-se a partir do estudo que a maioria dos dados relacionados à infrequência escolar, segundo os estudantes, se refere à preguiça e dificuldades de despertar pela manhã para irem à escola e que o monitoramento diário e o incentivo aos alunos contribuiu para uma redução no absenteísmo.

**Palavras-chave:** Infrequência escolar, monitoramento diário, incentivo.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Motivo das faltas dos estudantes da Escola pesquisada entre fevereiro e abril de 2019. ....	27
Gráfico 2 – Análise da trajetória escolar dos <b>estudantes da</b> pesquisa .....	35
Gráfico 3 – Comparecimento das famílias nas reuniões de pais na 1ª etapa. ....	39
Gráfico 4 – Aproveitamento dos <b>estudantes da</b> pesquisa na 1ª etapa. ....	42
Gráfico 5 – <b>Estudantes sujeitos da pesquisa que têm interesse em aprender</b> .....	42
Gráfico 6 – Estudantes que realizam as atividades propostas. ....	43
Gráfico 7 – Monitoramento diário dos estudantes da pesquisa .....	47

## LISTA DE SIGLAS

IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PBH	Prefeitura de Belo Horizonte
RME-BH	Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte
SGE	Sistema de Gestão Escola
SMED	Secretaria Municipal de Educação



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO .....	11
2.1. A relação família escola e o processo de escolarização .....	11
2.2. A infrequência escolar como um fator no processo de escolarização de estudantes do ensino fundamental. ....	15
3. METODOLOGIA .....	20
3.1 Caracterização da Instituição de Ensino pesquisada.....	20
3.2 Os alunos do 6º ano ao 9º ano: sujeitos da pesquisa .....	23
3.3. Instrumentos Metodológicos .....	23
4. ANÁLISE DE RESULTADOS .....	26
4.1 Infrequência Escolar na Escola Pesquisada.....	26
4.2 Grupo Focal .....	35
4.3 Entrevistas com as famílias .....	38
4.4 Conselho de Classe .....	35
4.5 Monitoramento diário dos estudantes .....	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	48
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	50
APÊNDICE I – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES. ....	51
ANEXO I – FOTO DO BOLETIM ESCOLAR .....	52

## 1. INTRODUÇÃO

Desde 2009, à época, atuando como professor de matemática na instituição em que hoje ocupo o cargo de diretor, a retenção dos alunos sempre se apresentou como um problema. Sempre contrário à reprovação, questionava sobre o que poderia ser feito para lidar com esse problema. As dificuldades de aprendizagem e a infrequência escolar apareciam como as principais causas da retenção.

Ao final de 2011, durante a eleição para a escolha de coordenadores pedagógicos, fui eleito para o turno da tarde, no qual sou lotado. Posteriormente, convidado pela direção da escola, assumi o cargo de coordenador de todo o ensino fundamental nos anos de 2012 a 2014.

No início, fui orientado por um acompanhante da Regional Oeste, que ofereceu um importante suporte para entender melhor o ofício de coordenador pedagógico: acompanhar alunos no aspecto disciplinar e da aprendizagem, manter contato com suas famílias, bem como atuar junto aos professores em seus planejamentos. Foi um momento de muito desafio, mas também de crescimento.

Nos Conselhos de Classe, ao final do ano, diante do fato de vários alunos retidos, sempre ouvia dos professores que alguns alunos haviam sumido em uma determinada época do ano. Seguiu a essa constatação, falas de que se não tivessem faltado tanto, teriam condições de aprovação.

Na condição de coordenador do ensino fundamental, possuía uma visão geral do que ocorria, observando quão grande era o número de retenções. O IDEB, apontava o resultado expresso em uma nota sempre aquém do esperado. Os estudantes realizam provas externas de português e matemática, ao final dos anos ímpares, a PROVA BRASIL. O resultado dessa prova era transformada na nota do IDEB. Ao verificar junto ao acompanhante regional os resultados do IDEB, procurando conhecer as causas para aqueles resultados insatisfatórios, constatava que a escola deveria pensar as razões para tantas retenções, o que impactava diretamente na nota.

A escola possuía um controle da frequência nos turnos da manhã e tarde. Entretanto, os profissionais que faziam esse controle, eram, geralmente, professores em readaptação funcional, que estavam constantemente em licenças, comprometendo a realização eficaz do controle, deixando o trabalho por fazer. O

estudante não era procurado para conversar sobre sua infrequência e suas possíveis consequências. O trabalho consistia na identificação dos alunos por relatórios do sistema da Prefeitura de Belo Horizonte, seguido, posteriormente do envio de cartas registradas para as famílias. As famílias inscritas no programa bolsa família, tendiam a vir à escola mais rapidamente. Já aquelas não inscritas no programa, a maioria, costumavam ignorar o comunicado da Prefeitura.

Ao término de 2014, ao ser convidado pelo diretor, à época, para formar uma chapa que concorreria às eleições para a nova direção, aceitei, com a proposta de, na condição de vice-diretor, caso eleito, combater o absentéismo dos estudantes. A ideia era mudar o método de controle para outro que fosse mais eficaz.

Foi então que, durante o período de 2015 a 2017, já atuando como vice-diretor, consegui-se no final de 2015, uma redução significativa no número de retenções, o percentual de 43%, em relação a 2014.

Esse resultado, talvez tenha acontecido, devido o início da participação do diretor nos conselhos de classe. Até então, não havia essa prática. O diretor ou o vice, jamais haviam participado dos conselhos. Envolviam-se mais com os problemas administrativos, sendo de inteira responsabilidade dos coordenadores pedagógicos conduzirem as reuniões dos conselhos de classe.

Finalizando 2016, conseguimos uma redução da infrequência escolar em torno de 54% em relação a 2015. Nos demais anos, a situação se manteve estável em relação a 2016, índice que consideramos aceitável, dado que as retenções giram em torno de 5% do total de estudantes dessa instituição.

Em 2018, tornei-me diretor, cujo mandato vai até 2020. O tema da infrequência dos alunos continua a ser um foco de interesse.

Em 2019, por ser um ano de realização de provas externas, fiquei com mais interesse sobre o monitoramento da infrequência escolar, pois o número de retenções no final deste ano influi diretamente no resultado do IDEB e por isso é muito relevante pesquisar sobre esse tema.

A frequência escolar é um dos pilares da educação, além da aprendizagem, um dos maiores objetivos de toda escola. Praticamente, um não existe sem o outro. Porém, para que isso aconteça, é fundamental, inicialmente, que o estudante seja frequente, de modo que possa ter consciência de todo o processo pedagógico em curso na escola, evoluir dentro dele e, possivelmente, evitar frustrações causadas

por atrasos em relação aos seus pares. Quanto maior for sua frequência, mais favorecida será sua aprendizagem escolar.

Assim sendo, a presente pesquisa tem como objetivo compreender os principais motivos que levam os estudantes, do 6º ao 9º ano, de uma escola municipal de Belo Horizonte, à infrequência escolar. E ainda, o que se pode fazer dentro dos muros da escola, na tentativa de minimizar o absenteísmo dos mesmos.

Este trabalho, está dividido em 5 sessões. Na primeira sessão, está a introdução. Na segunda, vem o referencial teórico, que aborda os fatores que levam à infrequência escolar e a relação da família com a escola. A terceira sessão, traz os procedimentos metodológicos, com a contextualização da instituição e dos sujeitos da pesquisa. A quarta, traz a análise e discussão dos resultados encontrados sobre a infrequência escolar na referida escola a partir das estratégias metodológicas aplicadas: grupo focal, entrevistas, observação participante no conselho de classe e monitoramento diário dos estudantes. Por fim, na quinta sessão, são apresentadas as considerações finais acerca do estudo realizado.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. A relação família escola e o processo de escolarização

É preciso refletir sobre a relação entre as famílias, a instituição escolar e os principais atores do campo educacional e ainda sobre a interseção de duas realidades: a sociológica e a social. Para isso é necessário entender o percurso histórico em que a sociologia da educação se desenvolve ao longo do tempo.

A categoria família, conforme enuncia Nogueira (2005, p.563) já estava presente na literatura sociológica desde as décadas de 50-60, com a corrente de pesquisas hegemônica à época que hoje denominamos empirismo metodológico.

A partir do final da segunda guerra mundial, nos países industrializados ocidentais, com o crescimento dos sistemas de ensino nacionais, houve um grande número de pesquisas, por cientistas sociais, sobre a relação entre o sistema escolar e a estratificação/mobilidade social e como a população escolar estava quanto aos seus fluxos e seus rendimentos. Tais pesquisas caracterizavam os grupos familiares utilizando como variáveis a renda, o nível de instrução e a ocupação dos pais, o número de filhos, o lugar da criança na família (fratria).

Assim, todo o estoque de pesquisas empíricas desenvolvidas entre os anos de 1950 e meados da década de 60 nos Estados Unidos (o relatório Coleman), na Inglaterra (a aritmética política) e na França (a demografia escolar) viu no meio familiar de origem, em particular em sua dimensão sociocultural, um poderoso fator explicativo das desigualdades de oportunidades escolares entre os educandos (NOGUEIRA, 2005, p.564)

Os resultados de tais pesquisas indicavam que as vantagens econômicas tinham sobre o desempenho escolar um efeito menor do que aquele dos fatores socioculturais (nível de instrução, atitudes e aspirações dos pais, clima familiar).

Assim, certas famílias foram consideradas mais capazes do que outras de incitarem ao êxito escolar devido a suas atitudes de valorização e interesse pelos estudos dos filhos, a sua ação de encorajá-los, etc (NOGUEIRA, 2005, p.564).

A partir dos anos 70, no contexto teórico denominado pelo paradigma da reprodução, principalmente pela vertente marxista e pela vertente culturalista, esta última pelos trabalhos de Bourdieu e Passeron, (1964 e 1970) na França postularam a transmissão pela família aos seus descendentes de uma “herança”, de caráter material ou simbólico, a qual segundo eles seria determinante nos resultados escolares do indivíduo, e assim nesse processo a ação da escola seria a de mascarar as diferenças sociais, tendo os professores a função de fazer “desaparecer” com a origem familiar.

Por meio dessa análise macroscópica a família estava presente porém representava somente um pertencimento de classe, o que Bourdieu atribuía um outro nome, pertencimento de classe, estando de lado a interpretação dos processos domésticos e cotidianos de produção/manutenção das desigualdades escolares e o papel deles nos destinos escolares.

Em suma, se, por um lado, as análises sociológicas realizadas até fins da década de 70 não deixam de reconhecer o papel da família na escolaridade dos indivíduos (por meio dos processos de socialização primária), por outro, elas promovem sua diminuição ao deduzi-lo a partir da condição de classe do grupo familiar, desobrigando-se de submetê-lo à observação empírica. Significa dizer que o funcionamento interno das famílias — em suas relações com a escola — permanecia como uma caixa-preta intocada (NOGUEIRA, 2005, p.567).

A partir dos anos 80, a sociologia da educação passa a olhar para as esferas microscópicas da realidade social, reorientando os seus métodos investigativos, e deslocando o olhar sociológico para as práticas pedagógicas cotidianas, colocando como unidades de análise o estabelecimento de ensino, a sala de aula, o currículo, a família.

É nesse quadro que tem origem, na sociologia da educação, um novo campo de estudos que se ocupa das trajetórias escolares dos indivíduos e das estratégias utilizadas pelas famílias no decorrer desses itinerários escolares. Trata-se de um novo referencial de análise que ambiciona ir além da já clássica sociologia da escolarização — que fizera das desigualdades de oportunidades uma evidência —, tentando construir uma sociologia dos cotidianos e das experiências escolares (Henriot-Van Zanten, 1988, p. 188 apud Nogueira, 2005, p.567).

Há uma verdadeira transição da sociologia das desigualdades de educação, voltada para a análise dos determinismos sociais e culturais, para uma sociologia que se interessa igualmente — mas não necessariamente de modo exclusivo — pelas estratégias individuais face à escolarização.

As pesquisas atuais passam a buscar a compreensão, na temática relação família/escola, tentando compreender as múltiplas e variadas estratégias desenvolvidas pelas famílias contemporâneas face à escolarização dos filhos, como a escolha do estabelecimento de ensino, das atividades extra-escolares e outras mais implícitas, como o acompanhamento estreito e cotidiano da escolaridade do filho.

Nesse novo contexto teórico, ganha importância o grau de autonomia que possuem as práticas e estratégias educativas da família em relação à sua classe social de pertencimento, e tais práticas colocam em questão os determinismos sociológicos, e assim os pesquisadores passaram a formular novas interrogações, relativas à diversidade verificada entre as famílias de um mesmo meio social no que concerne a sua história, projetos, modo de funcionamento (Zéroulou, 1988; Terrail, 1990; Kellerhals e Montandon, 1991; Laurens, 1992; Rochex, 1995; Ferrand *et al.*, 1999 apud Nogueira, 2005).

O sociólogo de hoje critica a ideia de transmissão automática, de pais a filhos, dos diferentes tipos de recursos rentáveis no mercado escolar (o capital cultural, por exemplo), uma vez que para a transmissão desse capital acontecer é necessário que o herdeiro aceite a herança e que ele desenvolva todo um trabalho individual de apropriação que lhe permita tomar posse do patrimônio parental. (Bourdieu, 2004 e Lahire, 1997).

Atualmente os estudos sociológicos dão ênfase, primeiro ao caráter utilitarista das práticas familiares, onde as famílias investem na busca do diploma e distinção profissional e também na acentuação da dimensão identitária que mobiliza a aquisição de qualidades morais requeridas para uma boa integração a certos meios sociais (Henriot-Van Zanten, 1996 apud Nogueira, 2005).

Mas esse fenômeno é também fruto de um novo contexto social, resultante de mudanças tanto no seio da família quanto no âmbito dos processos escolares. O aspecto mais visível desse novo contexto — e também o mais

importante para o que me interessa aqui — consiste no intenso processo de aprofundamento dos laços que unem essas duas instâncias de socialização infantil e juvenil que são a família e a escola, cujas esferas de atuação passaram a se intersectar, com a escola reconhecendo cada vez mais na família um parceiro importante — bem mais do que no passado - para a realização de suas finalidades de formação (NOGUEIRA, 2005, p.567).

A superação do plano das análises macroscópicas e o aparecimento de novos fatores trouxeram a reflexão sobre a posição social dos pais e a *performance* escolar dos filhos, e o desejo de conhecer os processos e as dinâmicas e as estratégias educativas internas ao microcosmo familiar.

Um desses fatores, sobre as estratégias educativas, destaca-se a escolha do estabelecimento de ensino. Segundo Nogueira (1998), a possibilidade de escolha desses estabelecimentos varia de um meio social a outro. Com o objetivo de aprofundar a discussão dessa temática, a autora traz uma revisão bibliográfica de publicações inglesas e francesas.

Ball, Gewirtz e Bowe (1994,1995), segundo Nogueira (1998), empreendem uma análise crítica desse ideário à luz da teoria de Bourdieu, em particular da tese da economia dos bens culturais.

Os autores consideram a escolha do estabelecimento e a competição por eles uma instância dentro do “campo” (no sentido bourdieusiano do termo) educacional (“the social field of school choice”), onde vantagens sociais, ou seja, os diferentes tipos de capital (cultural, social, econômico e simbólico) são utilizados pelos indivíduos como estratégias de distinção/classificação social. (Ball, Gewirtz e Bowe 1994,1995, apud Nogueira 1998, p. 43).

Em seus estudos, os autores citados acima, construíram três tipos-ideais de pais, analisando o discurso dos pais em torno das escolhas de estabelecimento de ensino. Os “*privileged/skilledchoosers*”, os “*semi-skilledchoosers*” e os “*disconnectedchoosers*”, os quais estão relacionados ao pertencimento de classe desses pais.

O grupo dos “*privileged/skilledchoosers*” é constituído pelos pais de camada média, profissionais liberais, com uma propensão à escolha e uma valorização do ato de escolher. A escolha do estabelecimento ocupa um lugar central na vida familiar dos integrantes desse grupo. Já os “*semiskilledchoosers*”, são os pais



propensos à escolha, mas que não dispõem dos mesmos recursos dos pais do primeiro grupo, portanto, não têm a mesma capacidade de escolher, pois não dispõem dos recursos culturais que favorecem uma boa escolha. Trata-se de um grupo que apresentam ocupações bastante díspares (comerciários, motoristas, donas de casa etc.). Esse grupo baseia-se em critérios objetivos sobre os estabelecimentos, em rumores e na reputação dos mesmos, mas também leva em conta a composição social do alunado (NOGUEIRA, 1998). Já o “*disconnected choosers*”, são pais que apresentam geralmente baixo níveis de instrução, tem menos propensão à escolha do estabelecimento de ensino. Suas escolhas são regidas por lógicas práticas como proximidade da residência e segurança e não têm acesso a informações precisas sobre os estabelecimentos de ensino.

Héran (1996), outro autor trabalhado por Nogueira (1998), analisa os atos de escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias francesas, caracterizando-os como mais ou menos ativos. Para a caracterização dos atos de escolha dos pais, esse autor considera três tipos de escolha: a escola privada, a escola pública e a escola pública aceita.

Distinguindo três alternativas para a opção dos pais — “escola particular”, “escola pública escolhida” e “escola pública aceita” —, o autor classifica tanto a estratégia de optar pela escola privada (não submetida à setorização) quanto a de recusar o estabelecimento público designado (ambas em progressão quantitativa) como “escolhas ativas”, em contraposição à “escolha passiva” daqueles que aceitam a designação administrativa. O que a pesquisa revelou é que o comportamento de escolha varia significativamente quando se passa de um grupo social a outro. (Héran 1996, apud Nogueira 1998, p. 48).

Segundo Nogueira (1998, p. 48), Héran (1996) considera que a escolha ativa, sobretudo de um estabelecimento público, requer um bom conhecimento do funcionamento do sistema de ensino. Ainda segundo o autor, os pais professores têm se revelado os mais competentes em matéria de escolha pois os mesmos contam com um capital de informações sobre o universo escolar e isso constitui uma vantagem social fundamental.

## **2.2. A infrequência escolar como um fator no processo de escolarização de estudantes do ensino fundamental.**

As pesquisas de Lahire (1997), realizadas na cidade de Lyon, na França, forneceram ao autor, as diferenças internas presentes nas camadas populares que podem explicar as variações de aproveitamento escolar em crianças das séries iniciais. Traz a visão dos professores quando se trata de aluno problema.

Como observaremos várias vezes nos diferentes perfis, os professores tendem, quando falam de casos particulares, a reter apenas um traço, um elemento da vida da criança (ser canhoto, ter sido operado uma vez, ter um problema de saúde...) ou da família (família monoparental, pais desempregados que vivem com a ajuda mínima do Estado...), para convertê-lo em causa do seu problema escolar. (LAHIRE, 1997, p. 73).

O autor, também percebe que em diversas evidências, as mães controlam os deveres de casa dos filhos e utilizam de diversas estratégias para ajudar os filhos na trajetória escolar, como controlar o horário de dormir, as saídas e companhias entre outras ações. O mesmo diz que a omissão parental é, portanto, um mito criado pelos educadores em razão do fato de que as famílias das camadas populares não são muito presentes na escola e que os educadores julgam as atitudes dessas famílias segundo o padrão de conduta das famílias das camadas médias.

Nosso estudo revela claramente a profunda injustiça interpretativa que se comete quando se evoca uma “omissão” ou “negligência” dos pais. Quase todos os que investigamos, qualquer que seja a situação escolar da criança, têm o sentimento de que a escola é algo importante e manifestam a esperança de ver os filhos “sair-se” melhor do que eles. (LAHIRE, 1997, p. 334).

A infreqüência escolar, segundo Barros (2013), que pode resultar em reprovações, constitui um fenômeno complexo, determinado por diversos fatores. O autor, ressalta como principais determinantes desse problema, aspectos relacionados à comunidade onde o estudante vive, bem como fatores escolares específicos e ainda aqueles relativos à própria conduta do estudante e à sua família.

No que diz respeito a escola, Barros (2013) afirma que o primeiro aspecto a ser analisado é a sua acessibilidade: tanto se está localizada em um lugar acessível ao estudante, como se está aberta (no sentido de disponível) para recebê-lo. Também é importante ressaltar que essa escola seja considerada segura e de qualidade pelo estudante e por sua família.

Quanto ao próprio estudante, Barros (2013) diz que os conflitos com as obrigações escolares estão cada vez mais comuns. Vários são os atrativos fora da

instituição escolar que são na visão dos adolescentes mais interessantes que a escola. Como por exemplo ver TV até mais tarde ou navegar pela internet do que estudar ou dormir mais cedo para ir à escola no dia seguinte.

Em relação à família, cinco aspectos foram apontados por Barros (2013) como gerador de infrequência escolar. A situação financeira do grupo familiar: segundo o autor, pesquisas apontam que quanto maior for a renda da família, maior a frequência escolar dos filhos. Outro aspecto apontado é o fato de as famílias pertencerem às camadas populares e a forma como elas vivenciam o tempo. A forma como os pais exercem sua autoridade também é um dos fatores estudados, além da baixa escolarização dos genitores pois os mesmos conhecem pouco sobre o funcionamento da escola e cada vez mais adotam menos estratégias escolares. E por último, o valor que o estudante atribui à escola sendo esse, dentre outros, resultado da importância que a família atribui ao estudo.

A pesquisa de Barros (2013), teve como objetivo compreender a relação das famílias com seus filhos, alunos de uma escola municipal de Belo Horizonte, e seus efeitos sobre a frequência escolar. Em sua análise, um dos aspectos observados, era a relação entre o modo de autoridade exercida pelas famílias sobre seus filhos e a influência na frequência escolar da prole. Ainda segundo a autora, dado a importância que o acesso à educação atingiu em nossa sociedade, era de se esperar que o absenteísmo discente se tornasse um tema mais recorrente nos estudos realizados na área, porém não é essa a realidade que se vive. Acredita-se que outras pesquisas podem contribuir para a compreensão da infrequência escolar e da relação da família com esse fenômeno.

Por sua vez, Santos (2019), estudou a infrequência escolar e a relação família/escola. A pesquisa traz uma abordagem de estudo microssociológica ao analisar o interior da dinâmica familiar, tomando como unidades de análise clima escolar, a pobreza, a gravidez na adolescência, a violência, os problemas familiares, dentre outros. Para o autor, que pesquisou um número de casos relativamente pequeno, verificou em cada caso que os fatores se apresentam em uma configuração específica, de modo que um mesmo fator pode ou não estar presente em casos diferentes e pode exercer influência em graus diferentes, conforme a configuração tomada.

Santos (2019) percebeu ainda que um dos fatores que mais se manifestaram nos casos das famílias estudadas, foi justamente, o poder de decisão individual do estudante. Aliado a esse processo, como fator de explicação para a infrequência, a falta de sentido da escola para os jovens foi identificada na pesquisa, nos casos dos estudantes pesquisados, como justificativa para o desinteresse e/ou descontentamento.

Na pesquisa de Santos (2019), a dinâmica familiar aparece de um lado não sendo colocada como uma base de sustentação capaz de amparar e direcionar de modo eficaz a escolaridade dos estudantes pesquisados, inclusive face aos desafios da adolescência; alguns estudantes vivem sua escolarização sem a presença de um adulto que de forma clara possa orientá-lo e possa controlar as atividades do seu cotidiano, e por outro lado a situação familiar, apesar de a genitora buscar meios de oferecer boas condições para os filhos frequentarem a escola, num contexto de exposição à violência, sem uma rede de apoio que contribua, para o monitoramento da frequência escolar, apesar da mãe enviar o filho para a escola, como ela só retorna a noite, ao sair para o trabalho não tem como assegurar que o filho vá para a escola.

A situação de bullying é um fator identificado no estudo de Santos (2019) que pode influenciar em alguns casos a frequência dos estudantes. Outros fatores de influência observados foram a necessidade de um acompanhamento especializado e a dificuldade de acessá-lo; problemas na comunicação escola-família.

Alguns elementos mostraram-se comuns a todos os casos analisados, assumindo maior ou menor peso conforme cada configuração específica – como por exemplo, a limitação de recursos materiais e culturais. (...) Fica explícita, também, a distância cultural entre as famílias e o universo escolar, principalmente em alguns casos nos quais as responsáveis entrevistadas demonstravam pouco conhecimento a respeito do funcionamento do sistema de ensino (SANTOS, 2019, p.128).

A escolarização das famílias produz efeitos sobre a maneira como as famílias lidam com a vida escolar dos filhos e também explica o distanciamento das famílias ao universo escolar e na falta de significados que os processos que acontecem na

instituição escola representa a eles, por exemplo o significado da reunião de pais (SANTOS, 2019).

Assim temos corrompendo a frequência escolar, fatores que aliam desde a dificuldade das famílias de cumprirem todos os requisitos exigidos pelo sistema educativo, como regularidade de horários e firmeza de autoridade diante dos adolescentes) quanto dificuldades também da escola em lidar com situações de bullying, indisciplina, contexto social de desigualdades, violência, carência de serviços públicos que afeta os territórios e populações mais vulneráveis.

Não se trata, portanto, de culpabilizar famílias, professores ou agentes públicos, mas sim de não ocultar fatores que pesam sobre a construção da infrequência escolar. Afinal, quando essa infrequência chega a um nível comprometedor da progressão do estudante ou de sua aprendizagem, pode-se afirmar que a corresponsabilidade constitucional pela educação não está sendo cumprida, e isso certamente ocorre por uma convergência de fatores que provêm das diferentes partes envolvidas: família, escola, Estado, sociedade (BURGOS et al. 2014 apud SANTOS, 2019, p. 130).

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 Caracterização da Instituição de Ensino pesquisada

A Escola Pesquisada está localizada na região oeste de Belo Horizonte, foi criada em 1972 pelo prefeito em exercício, Dr. Oswaldo Pierucetii. O loteamento da Escola foi adquirido em 1949 pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) pelo casal Francisco Balbino Almeida e Alzira Baeta de Noronha. Essa aquisição foi destinada a duas finalidades: lixão da região Oeste e Parque Florestal.

Em 1972 as exigências de infraestruturas educacionais mudam os planos da PBH e o loteamento é novamente redividido em Parque Florestal do Bairro Betânia, a Escola Pesquisada e Campo Público de Futebol logo acima da Escola.

Ainda em 1972, a Escola em questão iniciou suas atividades escolares da 1ª a 8ª série e só em 1981 a mesma recebeu o título de “Escola Polo” iniciando assim o Projeto Matrícula para o 2º grau (atual Ensino Médio), que unificou as redes estadual e municipal de ensino daquela época. O 2º grau iniciou-se em 1990 com os cursos Científico e Contabilidade.

Em 1991, cria-se a rádio CNB que passa a ocupar a área onde era o antigo lixão. **No ano de** 1994, iniciou-se a Educação para Jovens e Adultos (EJA), cursinho pré-vestibular e pré-CEFET. Esses cursos permaneceram até o ano de 2007. O ensino médio funcionou na escola pela manhã e no noturno até o ano de 2013, encerrando suas atividades **nesse segmento naquele mesmo** ano, passando a atender somente alunos do ensino fundamental.

Hoje a escola ocupa uma área de 27.840 m<sup>2</sup> sendo considerada **uma das** maiores escolas da Prefeitura de Belo Horizonte. Atende 1165 estudantes na faixa etária de 6 a 14 anos, em 38 turmas, distribuídas igualmente em 19 turmas pela manhã (6º ao 9º ano) e 19 turmas pela tarde (1º ao 7º ano). Os estudantes são oriundos dos bairros Nova Cintra, Palmeiras, Bom Sucesso, Bairro das Indústrias, Vila Bernadete, Vila Paraíso, Milionários, Marajó, Estrela do Oriente, Conjunto Betânia, Novo Bairro das Indústrias, Buritis e Betânia.

Quanto à proposta pedagógica, a escola pesquisada busca desenvolver um projeto educacional que garanta à criança e ao adolescente o direito aos conhecimentos sociais das várias disciplinas, os valores, os comportamentos e

atitudes que lhes permitam transitar pelo mundo, respeitando sua herança cultural e social. Portanto, tomando seus alunos como sujeito de direitos, a escola busca realizar uma prática pedagógica na qual todos possam ter desejos, opiniões, capacidade de decidir, diferentes formas de se expressar e compreender o mundo.

É preocupação da escola, oferecer oportunidades de aprendizagem para os estudantes com alguma deficiência, criando estratégias para incluí-los nas práticas diárias dentro e fora da sala de aula. A escola apresenta uma sala de Atendimento Educacional Especializado que atende 10 estudantes da própria instituição e também outros estudantes de escolas municipais mais próximas.

A organização pedagógica na escola foi pensada para cada ciclo de formação, assim, a equipe administrativa (direção e/ou vice direção) juntamente com a coordenação pedagógica buscam planejar a organização do trabalho, bem como os conteúdos e capacidades para cada estudante conforme seu ano/ciclo.

O corpo docente é formado por 82 professores, além de 3 coordenadores pela manhã, de terceiro ciclo, e 3 à tarde: 2 de segundo e terceiro ciclos e 1 de primeiro ciclo, além de 1 coordenadora pedagógica geral que atende toda a escola. Ainda compõem o quadro da escola 11 professores de laudo médico, sendo dois desses professores com dois cargos e 5 de matéria extinta, que auxiliam o trabalho escolar no que diz respeito ao monitoramento da frequência, na coordenação e no suporte pedagógico. Todos os professores têm formação superior. Os professores dessa escola, em geral, vêm participando das formações propostas pela Rede de Formação da Secretaria Municipal de Educação (SMED) e também buscam formações próprias buscando a melhoria na carreira.

A equipe administrativa e pedagógica que está atualmente na gestão da escola se preocupa em inserir cada vez mais as famílias e a comunidade nos projetos desenvolvidos. O processo de ensino e aprendizagem dos estudantes apresenta como orientação para definição dos planejamentos, em cada área do conhecimento, as Proposições Curriculares da Rede Municipal de Belo Horizonte, a Base Nacional Comum Curricular e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Assim, como as escolas municipais de Belo Horizonte seguem a lógica dos ciclos de formação humana, são estabelecidos para cada ano do ciclo, as capacidades/habilidades que devem ser introduzidas, retomadas, trabalhadas e consolidadas.

No que concerne a avaliação dos estudantes, esta deve ser compreendida como um instrumento que permite ao mesmo tempo interpretar a realidade sociocultural na qual a escola se insere, como também os processos avaliativos devem seguir uma lógica de uma formação qualitativa, privilegiando tarefas contextualizadas que ao mesmo tempo desenvolvam as capacidades e exijam a colaboração entre os pares. Nesse aspecto, da avaliação, a equipe pedagógica, criou um manual do educador, onde se prevê os critérios e as sugestões de instrumentos avaliativos que vão desde a avaliação formal e somativa até a realização de seminários, debates e autoavaliações. Em cada etapa de avaliação, pelo menos cinco instrumentos diversificados, devem conter o planejamento de cada disciplina, bem como a realização de um simulado coletivo por etapa. Há um momento após o término de cada etapa destinado à recuperação.

Os estudantes participam ao longo do ano de projetos culturais, alguns previstos no calendário da escola, como a Mostra Cultural, a Festa Junina e o JIMA (Jogos Internos Mestre Ataíde).

Existe ainda uma expectativa de ampliação em relação à participação das famílias na vida escolar dos estudantes. Para isso, a escola promove encontros com as famílias em reuniões de pais, projeto escola de pais com reuniões mensais e eventos festivos (Festa Junina, Festa da Família e Mostra Cultural) buscando sempre, uma participação mais efetiva dos responsáveis pelos alunos.

O Projeto Escola Integrada funciona dentro da escola e atende aproximadamente 400 estudantes por meio de oficinas que acontecem sob a orientação de monitores. A Escola abre aos finais de semana para a comunidade oferecendo o Programa Escola Aberta, com uma média de 300 visitas aos finais de semanas, nas diversas modalidades oferecidas, tais como: Música, Futebol, Vôlei, Informática, Xadrez e Dança.

No dia-a-dia, a escola enfrenta muitos desafios relacionados à presença e participação efetiva das famílias. Há dificuldades geradas pela falta de motivação e interesse dos alunos pelo seu próprio processo de escolarização, pelos problemas disciplinares, infrequência, dentre outros, que fazem parte da rotina escolar.

As turmas do 6º ao 9º ano da escola, da qual estão os estudantes sujeitos dessa pesquisa, são acompanhadas por uma coordenação pedagógica no 7º e 9º ano e no 8º ano pela coordenação pedagógica geral que monitoram de perto os



resultados de cada estudante, bem como propõem com a equipe desse segmento projetos específicos.

Os estudantes apresentam um currículo que privilegia desde a formação específica à formação geral. Do sexto ao nono ano os estudantes apresentam na grade curricular: 03 aulas de Língua Portuguesa e 01 aula de Produção Textual, 03 aulas de Matemática e 01 aula de Desenho Geométrico, 02 aulas de Educação Física, 01 aula de Língua Inglesa e 01 aula de Arte. O que difere em cada ano do ciclo são as aulas de Geografia, Ciências e História. No 6º ano e 9º ano, Geografia têm 2 aulas, História 3 aulas e Ciências 3 aulas. No 7º ano, Geografia têm 3 aulas, História 2 aulas e Ciências 3 aulas. No 8º ano, Geografia têm 3 aulas, História 3 aulas e Ciências 2 aulas. Cada aula tem a duração de uma hora e por dia os estudantes têm quatro horários de aula e vinte minutos de intervalo, totalizando a carga horária semanal de 22 horas e 30 minutos.

### **3.2 Os alunos do 6º ano ao 9º ano: sujeitos da pesquisa**

Os sujeitos da pesquisa, são estudantes na faixa etária de 11 a 16 anos. Alguns apresentam distorções na idade/série, com histórico de infrequência escolar e retenção em algum ano da trajetória escolar.

Os alunos foram agrupados da seguinte forma: No 6º ano, escutamos 4 estudantes: com 11 anos (1 aluno); com 12 anos (2 alunos) e; 13 anos (1 aluno). No 7º ano, escutamos 11 estudantes, com 12 anos (4 alunos); com 13 anos (5 alunos) e; 15 anos (2 alunos). No 8º ano, escutamos 16 estudantes, com 13 anos (6 alunos); com 14 anos (5 alunos); com 15 anos (4 alunos) e; 16 anos (1 aluno). No 9º ano, foram 33 estudantes, com 14 anos (12 alunos); 15 anos (14 alunos) e; 16 anos (7 alunos).

### **3.3. Instrumentos Metodológicos**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, sobre a temática da infrequência escolar. Os sujeitos da pesquisa são estudantes do 6º ao 9º ano do período da manhã, com mais de 25% de faltas à escola, considerando o período letivo de Fevereiro a Abril 2019. Os dados desses alunos faltantes foram levantados por meio do relatório de frequência da SMED, chamado “Rel-Frequência”.

Optou-se por usar a estratégia do grupo focal que contou com 64 estudantes. Todos os alunos, ao serem convidados a participar do grupo, foram informados sobre o propósito da pesquisa e importância da sua participação.

Em seguida, aplicou-se um questionário que se encontra no anexo o roteiro do mesmo. O objetivo do questionário é levantar dados sobre os estudantes segundo sua visão, tais como: seu desempenho, os motivos das faltas, a ciência da família em relação ao absenteísmo e o que eles estudantes podem fazer para frequentar a escola com normalidade.

Tendo em vista a intenção inicial de confrontar os dados do questionário com a posição dos pais e/ou responsáveis, os mesmos foram convocados a comparecer à escola para participar de entrevistas. Os mesmos obtiveram as informações necessárias sobre a pesquisa e sua importância, além de serem responsabilizados para elaborar, em conjunto com a direção da escola, estratégias que pudessem contribuir para evitar a retenção dos filhos. O método utilizado para tal foi o de entrevistas não estruturadas.

A entrevista não estruturada na pesquisa qualitativa possui características que procuram ampliar o papel do entrevistado ao fazer com o que o pesquisador mantenha uma postura de abertura no processo de interação, evitando restringir-se às perguntas pré-definidas. (FRASER, 2004, p. 145).

Para tentar compreender o motivo do absenteísmo dos estudantes, utilizou-se a análise documental. Buscou-se no Sistema Gestão Escola (SGE), informações sobre os alunos pesquisados, com o intuito de saber quantos entre eles, já haviam repetido um ano letivo, em algum momento de suas trajetórias escolares.

Por conseguinte, os boletins com os resultados da primeira etapa desse grupo também foram objeto de análise, procurou-se saber os seguintes quesitos: o número de médias perdidas que se encontram no campo 4 chamado de componentes curriculares e no campo 3 atitudes e valores, o interesse pelo aprendizado e aqueles que realizam as atividades propostas. Em anexo (ANEXO I), encontra-se foto do boletim escolar. O mesmo se encontra dividido em seis campos, sendo o 1º com os dados da escola, o 2º com dados dos alunos, o 3º com atitudes e valores, o 4º vêm descrito os componentes curriculares, o 5º está o resultado final e o 6º o responsável pelo preenchimento.

Com a finalidade de melhor compreender o problema da infrequência escolar, do ponto de vista dos estudantes, empregou-se a técnica de grupo focal. Realizamos duas sessões com os estudantes nos dias 24/06 e no dia 03/10 de 2019.

Um dos efeitos do grupo focal, foi a sugestão por parte dos estudantes, da realização de um monitoramento diário da frequência dos alunos, em que o diretor da escola, passa a conferir a presença dos estudantes, sistematicamente junto às portas de suas salas. Esse monitoramento aconteceu no período de 09/08 a 11/10 de 2019. Propositalmente, por 05 dias, essa atividade foi suspensa, com objetivo de observar qual seria o comportamento dos estudantes quanto à frequência, longe do acompanhamento do diretor.

Entre os dias 26 e 29/08/2019, houve participação do pesquisador no Conselho de Classe. A intenção era escutar o ponto de vista dos profissionais da escola, professores e coordenação pedagógica, sobre o desempenho escolar dos alunos em questão nessa pesquisa, e conhecer ainda as perspectivas de aprovação ou não dos mesmos ao final do ano letivo.

## 4. ANÁLISE DE RESULTADOS

### 4.1 Infrequência escolar na Escola Pesquisada

Para a realização do mapeamento da frequência escolar na instituição de ensino estudada, utilizou-se a técnica de análise documental. Para que isso seja possível, as secretarias das unidades escolares alimentam o Sistema de Gestão Escola (SGE) com os dados da frequência escolar.

Na escola dessa pesquisa, o sistema é alimentado toda sexta-feira com os dados da semana. Logo após são extraídos do SGE e lançados em uma planilha eletrônica, denominada Rel-frequência – Relatório de Frequência. As planilhas desse relatório trazem o quantitativo de faltas de cada estudante, subdividido em meses, além do ciclo em que o aluno está presente, escola, turma, código do estudante no SGE, bairro, município, telefone e o nome da mãe.

Dessa planilha, foram selecionados todos os estudantes do turno da manhã, cursistas do 6º ao 9º ano, que tinham 25% ou mais de faltas da carga horária cursada desde Fevereiro até o mês de Abril de 2019. Ao todo, foram selecionados 64 estudantes na faixa etária de 11 a 16 anos.

Considerando o previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), artigo 24, inciso VI: “o controle de frequência fica a cargo da escola, conforme o disposto no seu regimento e nas normas do respectivo sistema de ensino, exigida a frequência mínima de setenta e cinco por cento do total de horas letivas para a aprovação” nos níveis fundamental e médio.

No ano de 2009, tal norma foi alterada pela lei 12.013 de 06/08/2009 sendo que, dentre as mudanças, destaca-se a que obriga as instituições educacionais a informar aos pais, conviventes ou não com os filhos, ou aos responsáveis legais, a respeito da frequência e do rendimento dos estudantes, assim como sobre a proposta pedagógica da escola.

O gráfico 1, apresentado a seguir, mostra uma análise sobre os motivos da infrequência escolar, justificadas pelos estudantes, os quais foram obtidos pelas respostas dos mesmos no item 4 do questionário aplicado entre 18/06 e 26/06/2019, cuja pergunta era: quais motivos levam você a faltar com frequência a

escola? Três motivos se destacam dentre os demais pelo número de vezes que apareceram no questionário.

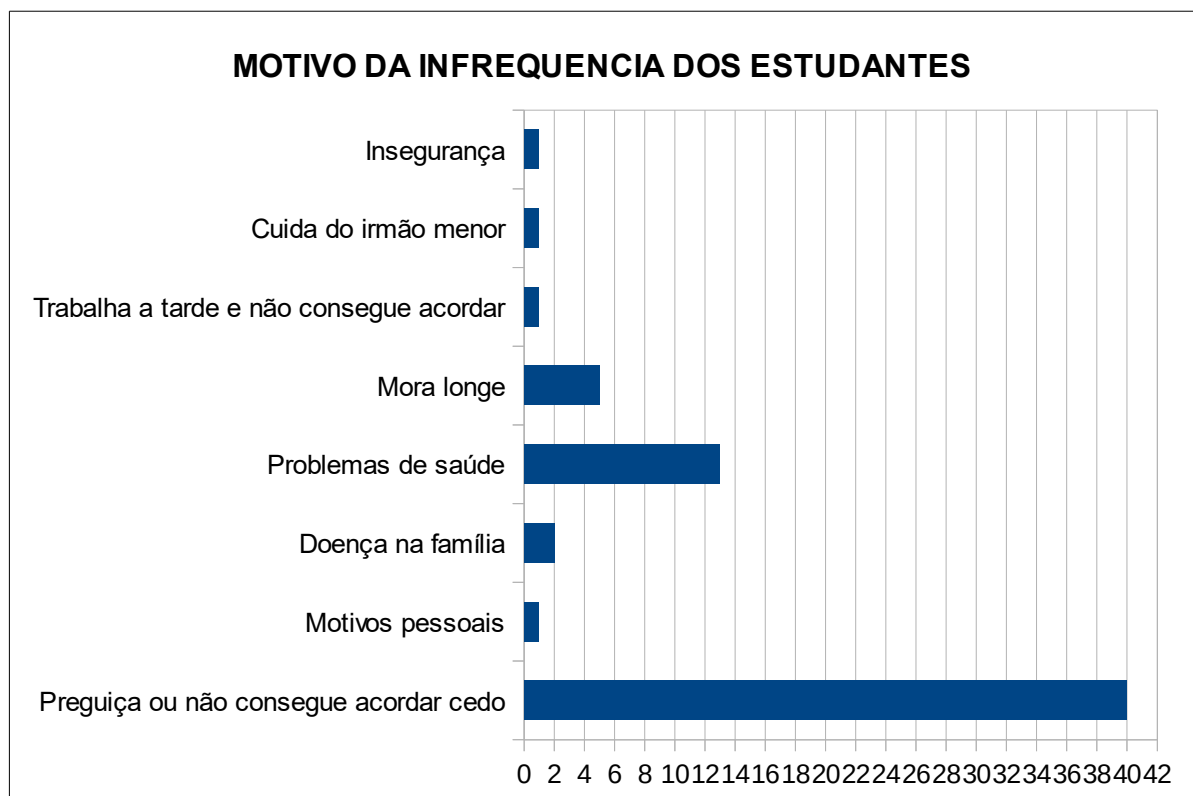
O motivo mais utilizado pelos estudantes foi a preguiça de ir à escola ou o fato de não conseguir acordar cedo. Essa justificativa apareceu em 40 dos 64 questionários, o que representa um percentual de 62,5%.

O segundo motivo mais alegado foi problemas de saúde. No total 13 dos 64 estudantes, o que representa 20,3%, passam por algum tipo de enfermidade, sejam elas doenças oncológicas, doenças renais ou estudante com deficiência, que exige fazer acompanhamento com rotina.

O terceiro motivo mais citado foi o fato de morar longe da escola, ao todo 5 estudantes, ou seja, 7,8%.

O gráfico 1, demonstra em números absolutos as justificativas apresentadas pelos estudantes durante o ano de 2019.

**Gráfico 1 – Motivo da infrequência dos estudantes entre Fevereiro e Abril de 2019.**



Fonte: dados da pesquisa

Na escola, uma profissional, professora de contabilidade, disciplina extinta na rede municipal, fica encarregada de efetuar o monitoramento da frequência dos estudantes. Seu trabalho consiste em identificar os estudantes faltosos e junto com o diretor da escola, que também atua nessa função, buscar junto aos alunos ou às suas famílias os motivos das ausências, isso, quando a própria família não vai à escola apresentar espontaneamente a justificativa das faltas.

De acordo com os dados obtidos, nessa instituição, a preguiça ou o fato de não conseguir acordar cedo é disparado, segundo os alunos, os maiores motivos para a infrequência. Segundo Barros (2013), é comum aos pais dar mais autonomia para os filhos a partir do 6º ano.

(...) além de considerar que o foco está nas famílias populares, deve-se levar em conta também o fato de que os sujeitos pesquisados são estudantes do 6º e do 9º ano, ou seja, adolescentes. As estratégias familiares escolares tendem a mudar quando se trata de uma criança ou de um adolescente. É comum que a família, considerando o desenvolvimento do filho, julgue que ele não precisa de cuidados como quando era criança. E o próprio estudante, muitas vezes, não aceita o mesmo zelo como quando era mais novo. (BARROS, 2013, p. 98)

Ainda sobre o fato de os alunos terem um maior poder de decisão quanto ao gerenciamento de sua frequência escolar:

De toda forma, é razoável supor que, nos anos iniciais do ensino fundamental, a assiduidade do aluno seja mais dependente dos seus responsáveis do que dele próprio, havendo, nos anos finais, uma margem maior para a agência individual do estudante (...) (SANTOS, 2019, p. 52).

Concordando com os autores citados acima, quanto maior o poder de decisão sobre ir ou não a escola, é possível pensar que maior será a infrequência desses estudantes. E quando os mesmos estiverem desmotivados, estes podem burlar a família e a escola, cabulando aula.

Outro fato que justifica o absenteísmo dos estudantes, pode estar relacionado com o mundo fora da instituição escolar.

Quanto ao próprio estudante, é comum que as práticas juvenis entrem em conflito com as obrigações escolares (ver TV até mais tarde ou dormir cedo para ir para aula? Navegar pela internet ou estudar?). O mundo fora da instituição escolar tem se mostrado mais interessante para os adolescentes do que a escola. Além disso, principalmente em se tratando das camadas

populares, não há garantias de que a dedicação aos estudos será recompensada. (BARROS, 2013, p. 101)

De fato, parece verdade, de que o mundo fora da instituição escolar seria mais interessante que o dia a dia da escola e que a falta de gerenciamento dos pais sobre a vida escolar dos estudantes fazem com que os mesmos experimentem essas experiências se distanciando ainda mais das instituições de ensino.

O segundo dado mais comentado nos questionários pelos estudantes, são os problemas de saúde ou do próprio estudante ou de alguém da família, como se pode notar nas respostas do item 4 do questionário e posteriormente em entrevistas com as famílias e os estudantes no Grupo Focal. Para explicar melhor esse motivo, apresento alguns casos dos alunos que vivem esses problemas. Os alunos serão identificados por nomes fictícios, evitando assim sua identificação.

O estudante Ronaldo, cursa o 9º ano e está matriculado na escola desde o 6º ano. Quando o mesmo estava no 7º ano, precisou utilizar do atendimento domiciliar, por recomendação médica. O atendimento domiciliar existe na rede municipal de educação, onde um professor é enviado à casa do estudante ou ao hospital em que estiver internado para tenha acesso aos conteúdos da aula. É desejado que esse professor geralmente tenha um perfil que o permita ministrar aulas de diversas disciplinas. No 8º ano, o estudante retornou à escola e se ausentou bastante, mas foi promovido por não ter alcançado os 25% de faltas previstos na legislação.

Falto com frequência a escola por motivos de saúde, já tive câncer, meu tio que amo sofreu um infarto, minha tia tem sérios problemas de saúde e minha mãe cuida de mim, do meu tio, da minha tia e da minha irmã mais nova. (Ronaldo, 14 anos, aluno do 9º ano. Grupo focal, 2019).

De fato, conseguimos falar com a mãe de Ronaldo, por telefone, mas a mesma não pode vir a escola mesmo sabendo da importância da pesquisa e confirmou à distância a versão do estudante, quando perguntada sobre o motivo da infrequência do aluno.

A estudante Graziela., do 6º ano e Janete. do 8º ano são irmãs, as mesmas chegaram à escola em 2018, vindas de uma escola da Regional Norte. Graziela, chegou no 6º ano e está repetindo o mesmo por infrequência. A aluna Janete foi matriculada no 7º ano e prosseguiu para o 8º. Nas entrevistas com as estudantes de forma individual, conversei primeiro com Graziela e a mesma deu o seguinte relato.

Eu faltei muito porquê minha mãe é doente e o meu pai tem que trabalhar e o meu irmão também e não tem ninguém para olhar minha mãe. Não temos condições de contratar uma enfermeira, mas agora meu pai está conversando com uma moça de confiança para ficar com a minha mãe para a gente vir para a escola. (Graziela, 13 anos, aluna do 6º ano. Grupo focal, 2019).

Após escutar o relato de Graziela, foi a vez de ouvir a estudante Janete, que é mais velha e aparenta ter mais maturidade que a irmã. Solicitou-se para que explicasse, o relato da irmã sobre a doença da mãe. Segundo Janete, a mãe era normal, participava das reuniões de pais na escola e sabia que teria a doença, a mesma sempre a preparou para a situação, que deveria cuidar da casa, de seus irmãos e de seu pai. A aluna Janete foi preparada para fazer as tarefas domésticas. A mãe é diagnosticada com leucodistrofia autossômica dominante. Segundo a estudante, todos os irmãos da mãe sofrem com a mesma doença, alguns já faleceram e outros estão ainda no começo, pois os filhos tiveram condições de comprar os medicamentos. Ela e os irmãos pegavam no posto um medicamento de uma marca inferior. A aluna, incentiva a irmã a ir para a escola, pois não quer que a mesma repita o ano mais uma vez.

Minha mãe teve leucodistrofia autossômica dominante e ultimamente meu pai não tinha condições de pagar uma mulher para olhar minha mãe de manhã, porque o dinheiro era usado para outras coisas, para comprar fraldas, remédios e aí meu irmão conseguiu um empregozinho e aí ele foi demitido por causa de outras coisas lá que aconteceu. Aí eu e a Graziela, ficou faltando bastante por causa do problema da minha mãe, porque não tinha ninguém para olhar ela. Como o meu irmão foi demitido, aí ele olha minha mãe de manhã, aí eu tenho vindo na escola e minha irmã também. Às vezes eu e minha irmã ainda faltamos porque minha mãe do nada apaga de tarde e a gente não consegue acordar ela, não conseguimos mesmo, aí ela acorda de madrugada e passa a madrugada inteira acordada e aí a gente não consegue dormir porque a gente tem que ficar olhando ela, porque ela não consegue às vezes ficar parada, aí ela grita, a gente troca ela de madrugada, aí hoje eu até caí no sono dentro da sala por causa desse problema, porque hoje de madrugada ela não dormiu, passou a madrugada inteira gritando.

Eu sinto falta da minha mãe, quando ela trabalhava (falando chorando) chegava em casa e me abraçava todo dia, hoje ela nem me reconhece mais, ela chega em mim e me fala assim, o tia, o qualquer coisa, ela não me reconhece mais, isso é triste porque eu sinto muita falta dela. A minha mãe é tudo pra mim, tudo, faria tudo pra ter ela de novo e um momento com ela de novo me falando: oi minha filha, tudo bem?. A minha mãe sempre ia nas reuniões da escola, meu pai nunca compareceu, minha mãe sim, minha mãe sempre era presente comigo e com minha irmã, ela me chamava de meu xodozinho, me chamava de tantas coisas carinhosas, me dava tudo, mesmo sem ter condições de me dar alguma coisa ela me dava, eu nasci com problema na perna, e meu pé nasceu torto e ela tirou dinheiro



do aluguel para poder comprar uma botinha pra mim, hoje eu estou bem por causa dela, ela fez de tudo, ela batalhou para me ver bem, se não hoje eu não estaria bem, eu estaria sofrendo bullying na escola por causa do meu pé. Eu sinto muita falta dela. (Janete, 15 anos, aluna do 8º ano. Grupo focal, 2019).

Tentou-se um contato com o pai das estudantes, porém, sem sucesso.

O estudante Vando, tem um histórico grande de faltas e quando foi indagado sobre as faltas, o mesmo relatou:

Porque eu tenho problema de rins, e tenho que ficar fazendo muitos exames de sangue e urina e ficar indo no médico. (Vando, 12 anos, aluno do 7º ano. Grupo focal, 2019).

Para tentar entender melhor a situação, a mãe foi chamada à escola. Quando a mesma foi informada que a conversa seria com o diretor, ela ficou apreensiva e disse à servidora que o pai do estudante sempre ia à escola e justificava as faltas. Que não tinha necessidade de conversar com o diretor sobre a infrequência do estudante. Então foi feito o contato para a mãe do aluno para tranquilizá-la. **Explicou-se que estávamos** fazendo uma pesquisa e que queria conhecer melhor o filho dela. No dia 27/08/2019, a mãe do estudante compareceu à escola e se dispôs a colaborar com o trabalho.

O Vando é portador de doença crônica renal. Síndrome Nefrótica. Se trata de uma inflamação nos rins, meu filho tem baixa imunidade, qualquer gripe ou qualquer inflamação ataca os rins e o mesmo não filtra. Nessa idade, ele tem que tomar diuréticos para eliminar líquidos, toma remédios para hipertensão, colesterol e um chamado ciclosporina para os rins. Todo mês tem que fazer exames, aí ele fica afastado da escola para colher urina e sangue durante 24 horas.

Há dois anos, Vando estudava em uma escola estadual aqui da região e ficou 3 meses sem ir as aulas, adoeceu e teve que fazer o tratamento em causa pelo fato da baixa imunidade. Ele não pode ficar internado pois corre o risco de pegar infecção hospitalar. (Depoimento da mãe do Vando, Entrevista, 2019).

No dia 11/09/2019, o pai do estudante Vando, compareceu espontaneamente à escola para conversa com o diretor e coordenadora pedagógica. O pai relata sobre a estabilização do tratamento do filho e que agora é necessário o estudante caminhar no pedagógico. Relata também que o estudante tem ganhado peso e que está com vergonha do próprio corpo. Ainda diz que pôs ele na academia e que ele está liberado para fazer atividades físicas na escola quando não estiver em

tratamento. Orientamos o pai sobre a permanência no tratamento e o acompanhamento pedagógico.

A aluna Gisele, estudante do 9º ano, chegou à escola no 6º ano. Durante toda sua trajetória escolar esteve com problemas de faltas. A mesma é cadeirante e quando estava no 7º ano, repetiu o ano por infrequência, pois ficou muito tempo ausente da escola por causa de uma internação para realização de cirurgia. Quando estava no 8º ano, a mesma novamente passou por procedimentos cirúrgicos e fez um pedido à mãe para tentar conseguir um professor, pois a mesma não queria perder outro ano letivo. Foi então que o diretor pediu à mãe para que fosse no médico da estudante solicitando um relatório para o atendimento domiciliar. Durante todo o ano de 2018, Gisele teve aulas em casa e de acordo com o relato de suas irmãs, que também são estudantes da escola, a mesma chorava querendo vir para a escola. Nesse ano de 2019, recebemos a estudante de volta a escola no 9º ano. A mesma vêm para a escola e volta para casa de táxi, custeado pela PBH. Nos grupos focais, Gisele quando é perguntada sobre sua frequência relata que:

Eu moro em um local onde tem duas rampas e quando chove elas ficam perigosas, eu também internei esse ano por causa de dengue e infecção. Eu queria mudar de casa para não faltar tanto, mas minha avó é empregada doméstica e minha mãe trabalha pois tem que cuidar de mim e minhas irmãs, então não estamos tendo condições. (Gisele, 15 anos, aluna do 9º ano. Grupo focal 2019).

Entramos em contato com a mãe da estudante que, gentilmente se dispôs a ir à escola no dia 02/09/2019, para participar da pesquisa. Durante a conversa, antes da entrevista, a mãe fala com muito carinho da filha e da dificuldade do lugar onde moram, que é totalmente inacessível, porém, é de propriedade da família. Então, não tem como elas irem para outro lugar, pois não tem como pagar aluguel. A mãe se expressa com muito carinho em relação à escola, à direção e coordenação, que sempre a ajudaram, e diz que gostaria muito que a filha não saísse da escola.

A Gisele é portadora de artrogripose congênita, doença que paralisou os membros inferiores da minha filha, mas não afetou em nada o cognitivo. E a casa que eu moro é totalmente inacessível, tem rampas com degraus. Vou te mandar as fotos para você ver. Em dias de chuva é muito perigoso descer com minha menina, pois tenho que entregar ela no portão e tenho medo de escorregar e cair nós duas. Aí então eu não mando ela. Minha filha é uma aluna muito comprometida com os estudos, o que atrapalha ela

é realmente as faltas. Sei que é o último ano dela aqui, queria que ela continuasse os estudos nesta escola. Estou muito preocupada, pois Gisele ano que vem terá que ir para outra escola, e não sei como eles vão receber ela, se tem auxiliar de apoio a inclusão. Transporte acessível igual tem na prefeitura eu sei que não tem. (Relato da mãe da Gisele Entrevista, 2019).

O terceiro problema mais citado para justificar a infrequência dos estudantes na escola, é o fato de morar longe.

Para Nogueira (1998), as famílias das camadas populares manifestam uma forte inclinação para a escolha dos estabelecimentos de ensino, mas têm pouca capacidade de discriminar e de escolher porque conhecem mal o funcionamento do sistema de ensino.

(...) no que concerne às formas de obtenção de informação sobre os diferentes estabelecimentos, verificou-se uma variação segundo o meio social. Enquanto os mais favorecidos culturalmente consultam os rankings de estabelecimentos elaborados pela imprensa especializada com base nos indicadores de desempenho fornecidos pelo Departamento de Avaliação e Prospectiva do Ministério da Educação, as famílias de camadas populares utilizam-se predominantemente do expediente do boca-a-boca ("bouche-à-oreille"), ainda que se venham constatando que eles buscam, cada vez mais, entrevistar-se com diretores de escola e orientadores educacionais (NOGUEIRA, 1998, pag.48).

Por sua vez, Barros (2013), diz que, mesmo não dispondo de recursos econômicos e culturais para acompanhar a trajetória escolar dos filhos, alguns pais dos meios populares usam estratégias escolares que acabam por influenciar na escolarização dos filhos.

Todavia, mesmo não dispondo de recursos econômicos e culturais para acompanhar a trajetória escolar dos filhos, alguns pais dos meios populares usam estratégias que acabam por influenciar na escolarização de seus filhos. Entre tais estratégias, pode se citar o ensinamento de obediência às autoridades escolares, controle dos horários de estudo, das saídas e dos amigos (LAHIRE, 1997), uso de transporte escolar e táticas para burlar o Cadastro Escolar de escolas públicas, no intuito de conseguir para o filho uma escola de melhor qualidade, independentemente se longe da residência familiar (ALVES, 2006). (BARROS, 2013, p. 97).

Em concordância com os autores acima, é comum notar nas famílias que vêm a escola procurar vagas, que a escolheram essa por estar bem conceituada na comunidade. Muitas dessas famílias, nos dizem em conversas informais, que o filho utilizará de transportes diversos para chegar a escola como por exemplo: Vans escolares ou ônibus. Na escola, todos os pedidos de vagas, passam pela direção.

A estudante Kelly, do 9º ano, no grupo focal, relata que:

Na primeira etapa, eu faltei muito por conta da distância, mas da 2ª etapa pra cá eu prometi pra mim mesma que não vou mais faltar, porque essa escola é uma das melhores que já estudei. Não quero sair daqui por conta de faltas, porque tem uma escola perto da minha casa, que eu já estudei, mas eu odeio aquela escola e não quero voltar pra lá. Nessa 2ª etapa pra cá eu só faltei por motivos sérios. Por exemplo, segunda e terça-feira eu passei mal, minha mãe me levou no posto a tarde e não faltei e estou tomando os remédios. Eu estou disposta a não faltar mais mesmo, já conversei com minha mãe, quero o melhor para minha educação e quero passar para o ensino médio. Eu só vou faltar se precisar ir no médico mas vou trazer o atestado. Pra falar a verdade, eu estou com muita dificuldade nas matérias, não estou conseguindo aprender matemática. Eu pedi para minha mãe para pagar uma aula particular pra mim. (Kelly, 14 anos, aluna do 9º ano. Grupo focal, 2019).

No dia 29/08/2019, a mãe da estudante Kelly, compareceu a escola, tendo sido convidada pela direção e prontamente concordou em participar da pesquisa.

Minha filha mora longe da escola, perto de uma outra escola. Minhas filhas já estudaram nessa escola e eu não gosto de lá. Não quero tirar elas daqui, elas já estão acostumadas com essa escola e Kelly me pediu para não trocar ela de escola. Eu também gosto dessa escola. (Mãe de Kelly Entrevista, 2019).

A estudante Maria, quando indagada, sobre suas faltas, responde que:

Eu moro muito longe da escola. Preciso pegar 03 ônibus, um para ir para a escola e dois para voltar. Muitas das vezes minha mãe não tem esse dinheiro todo. Infelizmente, não tem van que passa na minha casa e que vem direto na escola. A situação lá em casa não está fácil, mas independente das minhas faltas, sempre corri atrás dos meus deveres, trabalhos e provas e minhas notas foram boas. (Maria, 16 anos, aluna do 9º ano. Grupo focal, 2019).

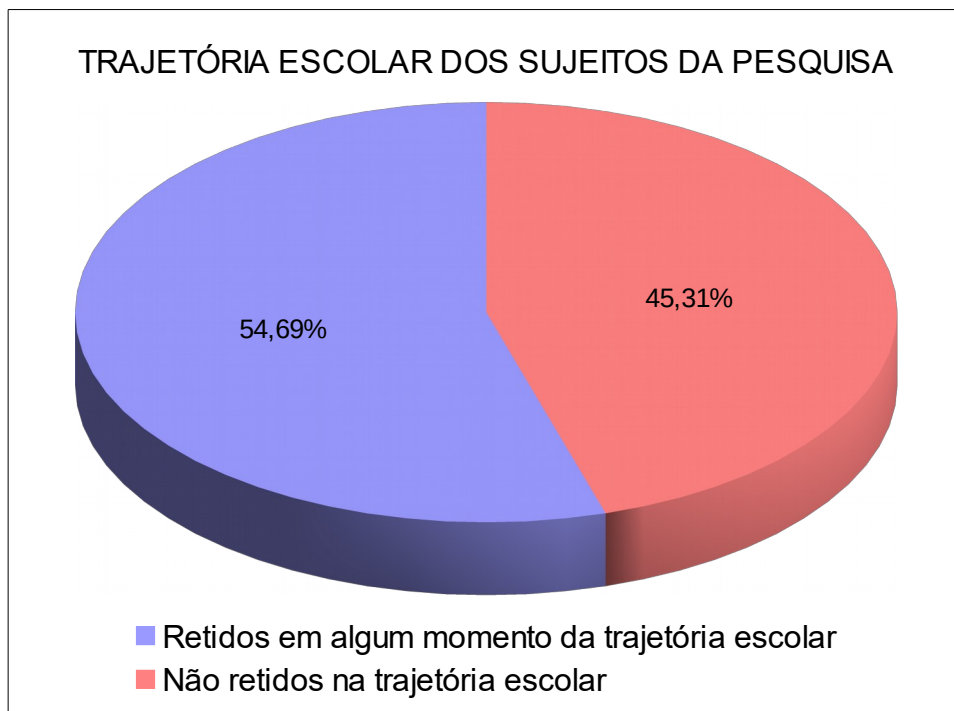
Tentamos contato com a mãe de Maria, porém, não obtivemos sucesso. Enviamos convite por escrito para a mãe que se comprometeu a comparecer, o que não aconteceu, justificando por meio da filha que teve um compromisso e que ainda viria à escola.

## 4.2 Grupo Focal

Antes de dar início à primeira sessão de grupo focal, decidimos conhecer quem eram esses estudantes, para saber quais estratégias poderíamos utilizar.

Fizemos a análise documental da trajetória de cada um pelo SGE. O gráfico 2, sintetiza a distorção idade/escolaridade, levando em conta os estudantes que repetiram o ano em algum momento da trajetória escolar.

**Gráfico 2 – Análise da trajetória escolar dos sujeitos da pesquisa**



**Fonte: dados obtidos nos arquivos e no SGE em 21/06/2019.**

Conhecendo o perfil dos estudantes do grupo focal, decidimos adotar a estratégia de incentivar os alunos. Refleti que de alguma forma, poderia chegar nesse estudante e de alguma maneira incentivá-lo a acreditar ser possível o sucesso ao final do ano. O SGE, fornece informações sobre a trajetória de movimentações do aluno, desde quando começou a estudar e por quais instituições passou, caso tenha sempre sido aluno da PBH. Se o aluno pertenceu a outra rede, a análise é feita por meio da pasta do estudante, arquivada na secretaria, que consta todo o histórico da sua vida escolar.

A primeira sessão de grupo focal, aconteceu em 24/06/2019. Num primeiro momento, havia sido planejado para que acontecesse no auditório da escola, porém, o absenteísmo desses estudantes, no dia, foi grande, e o número de estudantes presentes era de 22.

Os critérios de seleção dos estudantes para participar do grupo focal, era ter 25% ou mais de infrequência, descrito pelo Rel-Frequência.

Inicialmente, os alunos foram dispostos em círculo. Muitos deles, falavam antes de começar a conversa que estavam ali por causa de faltas.

O ponto de partida da conversa foi compartilhar com os alunos a preocupação de ficarem retidos ao final do ano pelo excesso de faltas. A ideia era incentivá-los para reverter aquele quadro.

Em conformidade com Morgan citado por Flick (2009), os grupos focais são aplicados como um método em si mesmo ou em combinação com outros métodos – levantamentos, observações, entrevistas individuais, etc., que traz a marca da interação entre os membros do grupo com a finalidade da produção de dados e *insights* que podem ser menos acessíveis fora dessa interação, verificada em um grupo.

Os autores, vê os grupos focais como úteis para: a orientação do indivíduo, a geração de hipóteses, com base nos *insights*, o desenvolvimento de programas de entrevista e de questionários, a obtenção de interpretações por parte dos participantes sobre resultados obtidos em estudos anteriores.

No início da interação com os estudantes presentes, solicitamos que respondessem o que poderia ser feito para melhorar o quadro de infrequência, conscientizando-os, a consequência poderia ser a retenção. De acordo com as falas dos alunos, foram feitos os seguintes registros no diário de campo:

Lana, aluna do 9º ano, foi a primeira a se manifestar, ela disse:

Eu não quero tomar bomba, apesar que eu não fui muito bem na primeira etapa porque eu faltei muito, vou arranjar um meio de acordar mais cedo e deixar um pouco minha preguiça de lado. Vou colocar meu despertador para tocar mais cedo, as vezes ele não toca. (Lana, 14 anos, aluna do 9º ano. Grupo focal, 2019).

Karina, aluna do 9º ano, disse que:

Ano atrasado eu estava na escola particular, tomei bomba lá, não quero tomar bomba aqui não. Vim pra essa escola no 8º ano porque sabia que aqui não dá bomba no 8º. Agora vou me esforçar para não repetir esse ano. Eu falto muito. Na maioria das vezes eu falto por preguiça. Acordo de manhã com muito sono, pois sempre durmo tarde e acabo faltando. Mas vou tentar dormir mais cedo para acordar com mais disposição pra estudar

e ter menos preguiça. (Karina, 16 anos, aluna do 9º ano. Grupo focal, 2019).

À medida que os motivos foram surgindo, íamos propondo estratégias para reverter a situação colocada. Durante a conversa, propôs-se o monitoramento diário junto a esses estudantes. A ideia era recebê-los na porta da sala de aula. Todos toparam, mas ficaram apreensivos com medo de passar vergonha pelo fato do diretor ir diariamente na porta da sala e chamar pelo nome dos alunos faltosos, para confirmar suas presenças.

A segunda sessão, no dia 03/10/2019. Aconteceram diversas atividades em sala, provas em algumas, e alguns estudantes estavam envolvidos nos preparativos para homenagear os professores, no dia. A adesão ao grupo focal foi baixa. Porém, havia uma satisfação pessoal, pois nesse dia, apenas 03 dos 64 alunos, sujeitos da pesquisa, haviam faltado à escola.

A sessão foi composta por 14 estudantes. Primeiramente, agradecemos a todos pela confiança depositada no diretor e na pesquisa, manifestando satisfação pelo fato de muitos dos alunos estarem diminuindo a infrequência às aulas. Decidimos fazer entrevistas individuais, convidando o estudante a vir até à mesa. Perguntava-se o motivo deles pararem de faltar à escola e sobre os efeitos das conversas anteriores e os monitoramentos diários.

Ao gravar a entrevista com Henrique do 9º ano, ele diz que:

Bom, na época que eu comecei a faltar, os primeiros motivos foram por causa de saúde, as vezes era por causa de chegar atrasado na escola ou preguiça mesmo de vir para a escola, dificuldade de acordar cedo e foi isso. Eu parei de faltar porque eu tive uma conversa com o diretor e ele começou a se preocupar comigo como aluno, aí eu decidi parar de faltar, dar a volta por cima pra mim não ter que repetir o ano na escola, dá orgulho pra minha família e não dá problemas dentro de casa. Eu senti que o diretor estava se preocupando comigo como se fosse uma coisa pessoal, aí eu decidi parar de faltar e me dedicar aos estudos. (Henrique, 15 anos, aluno do 9º ano. Grupo focal, 2019).

Quando começou o monitoramento diário com os estudantes, o aluno Henrique, foi o que mais respondeu positivamente, juntamente com alguns outros alunos. Realmente o aluno, reverteu sua situação de infrequência. Outra estudante do 9º ano, Maria, relata que:

Meu motivo maior de faltas era a distância, porque moro muito longe da escola e dias que minha mãe precisava de mim para ficar com meu irmão e ela não podia. Mas aí minha mãe começou a programar os dias dela no trabalho e começou a pegar mais no meu pé em relação a escola porque ela não queria que eu repetisse o ano e colocou alguém para cuidar do meu irmão de manhã. A conversa com o diretor também foi importante porque ele me disse que se eu ficasse faltando cada dia mais eu ia ficando com mais dificuldades nas disciplinas e ia só embolando a ponto de não dar conta. (Maria, 16 anos, aluna do 9º ano).

A estudante Kettlen, do 7º ano, veio do turno da tarde com alto índice de infrequência. A avó da aluna compareceu à escola e solicitou uma vaga para a neta pela manhã. Ela saía para trabalhar e acordava a aluna. Durante o período da tarde tornava difícil, pois ela estava no trabalho e não conseguia organizar a vida estudantil da neta. O diretor, então, transferiu a discente para o turno da manhã, e a mesma entrou na pesquisa, fazendo parte dos 64 estudantes. De fato, a avó da estudante conseguiu se organizar e a mesma não tem faltado às aulas mais. Leia o relato da estudante na última sessão de grupo focal.

Eu faltava porque eu estudava de tarde no começo do ano e eu não conseguia acordar, acordava mais de 13hs e não conseguia vir para a escola. Aí agora que eu passei para de manhã, melhorou né...porque minha avó me acorda e eu não falto mais. O fato do senhor ir na sala também me fez parar de faltar, porque eu tinha medo de o senhor me chamar lá e falar que eu tinha tomado bomba. (Kettlen, 12 anos, aluna do 7º ano. Grupo Focal, 2019).

A experiência de participar do Grupo Focal, é bastante interessante, pois permite capturar sentimentos, emoções, frustrações e outros afetos, nem sempre possíveis por meio de questionários ou somente entrevistas individuais em local reservado.

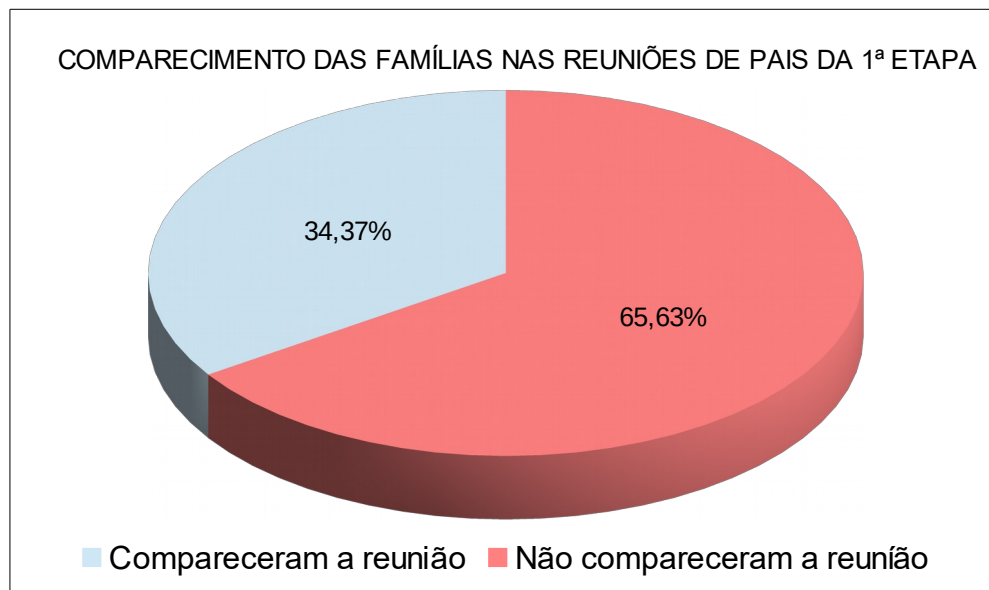
### **4.3. Entrevistas com as famílias**

Com o intuito de tentar traçar um perfil das famílias dos estudantes, tabulamos o item 3 do questionário aplicado aos estudantes. O resultado foi colocado no gráfico a seguir. Analisando os dados, percebemos que os estudantes ou não entregaram a convocação para as famílias avisando da reunião de pais, ou o dia era muito engessado para o comparecimento, o que se justifica, pois temos que contar que muitos pais trabalham no período da manhã e isso pode inviabilizar a



participação nas reuniões. O gráfico a seguir mostra a participação dos responsáveis nas reuniões de pais da 1ª etapa.

**Gráfico 3 – Comparecimento das famílias nas reuniões de pais da 1ª etapa**



Fonte: dados da pesquisa.

Das 64 famílias, 42 compareceram à escola. Em uma família, foi necessário deslocar até a residência, pois a filha havia sofrido acidente e estava impossibilitada de comparecer. Isso representou um comparecimento de 67,18%, o que pode ser explicado pela flexibilidade das família em comparecer, pois no caso da entrevista, o responsável escolhia o dia em que poderia ir à escola.

As entrevistas foram realizadas durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2019. Adotou-se o método de entrevistas não estruturadas, ou seja, não possuía um roteiro pré-estabelecido. Os responsáveis pelos estudantes, foram chamados por ligação telefônica. A servidora responsável pelo monitoramento da frequência montou uma agenda e começou a encaixar as famílias na agenda, de acordo com a disponibilidade das mesmas. Quando duas famílias vinham no mesmo horário, as atendíamos simultaneamente com a ajuda da coordenadora pedagógica.

Durante as entrevistas, comunicava às famílias que, além de estarem participando de uma entrevista para pesquisa, fazíamos o monitoramento diário

para verificar a presença dos estudantes, o que era bem visto por elas. Em muitas das entrevistas solicitávamos o número do aplicativo whatsapp, para me comunicar mais rapidamente, em caso de falta do estudante à escola.

A mãe de Ana, compareceu a escola no dia 29/08/2019. Na entrevista relatou que:

Ana não foi ao médico, não tem atestados e eu não tenho justificativas para as faltas dela. Estou até com vergonha do senhor, porque trabalho em escola também. Levanto todos os dias às 5 horas para ir trabalhar, pois pego às 6 horas, acordo Ana e a mesma me diz que tem oficinas ou paralisações e não vem a escola. (Mãe de Ana do 8º ano. Entrevista, 2019).

Outra mãe, a de Carlos, compareceu a escola no dia 11/09/2019, e disse:

Eu trabalho de plantão como cuidadora de idosos durante a noite, quando chego em casa geralmente às 8hs meu filho está em casa. Como trabalho dia sim, dia não. Ele aproveita o dia que estou trabalhando para fazer isso. Ele está muito desobediente, quando vou falar com ele, ele ainda me responde. Eu não sou de bater, mas tem horas que o sangue ferve. O senhor podia autorizar ele entrar na escola mais tarde, pois quando eu chegar em casa e ele estiver lá eu faço ele vir por bem ou por mal. (Mãe de Carlos, aluno do 8º ano. Entrevista de pesquisa, 2019).

A orientação dada à mãe, era que podia enviar o aluno, mesmo que fosse depois do horário da entrada. Era preferível que assistisse a 3 aulas e com uma falta a não assistir nenhuma aula no dia. Bastava enviar mensagem via aplicativo, que a portaria seria avisada para deixar o estudante entrar.

As pesquisas de Lahire, realizadas na cidade de Lyon, na França, vão de encontro ao que essa mãe diz na entrevista. Ele argumenta:

E o que dizer dos pais ou mães que batem nos filhos quando os resultados são ruins ou quando as cadernetas mostram que brincaram em sala de aula? (...). Tais fatos provam que os pais não são indiferentes aos comportamentos e aos desempenhos escolares: para bater nos filhos, é também necessário julgar que isso vale a pena e conferir à escola um mínimo de importância e de valor (LAHIRE, 1997. pag. 334-335).

Percebemos que a relação dos pais com a escola, em termos de comunicar um problema sobre as faltas melhorou. Por diversas vezes, atendemos telefonemas das famílias comunicando que o filho não viria à escola naquele dia (motivos plausíveis ou não).

A mãe de Fernanda, compareceu a escola no dia 21/08/2019 e disse que:

Saio cedo de casa para ir trabalhar, acompanho minha filha até na avenida. Daí eu pego ônibus para o trabalho e acho que ela veio para a escola. Só que eu descobri que ela volta pra casa. Quando chego em casa, a irmã mais velha dela me avisa que ela não veio. (Mãe de Fernanda, aluna do 6º ano. Entrevista, 2019).

Dias depois, a mãe da estudante, envia um bilhete por meio da outra filha que também é aluna da escola comunicando que Fernanda, faltaria naquele dia, porque tinha cabeleireiro e o único horário que conseguiria, seria naquela sexta-feira.

Mesmo o motivo não sendo plausível, o fato dos pais comunicarem a escola o motivo da infrequência é importante. Posteriormente, conversamos com a aluna, para incentivá-la, dizendo da importância de estar em sala de aula, de não perder os conteúdos, acompanhar sua evolução pedagógica e não ficar defasada.

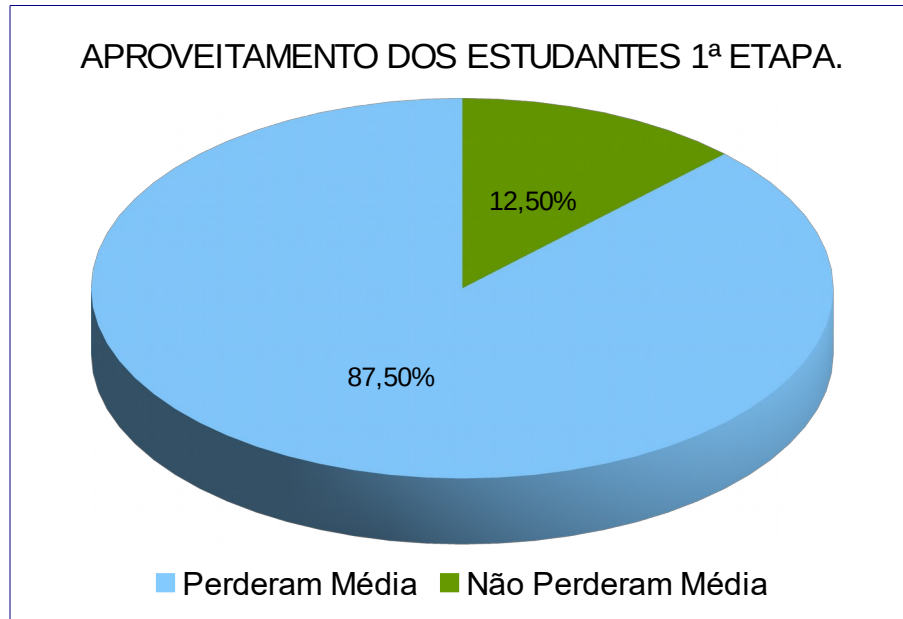
#### **4.4 Conselho de classe**

Apesar de sempre participar do conselho de classe na escola, possuía um objetivo especial para essa segunda etapa. A intenção era escutar a versão dos professores em relação aos estudantes envolvidos na pesquisa.

Antes de participar do conselho, e preparar o argumento em favor ou não dos estudantes, decidimos analisar os boletins da primeira etapa. A análise se concentrou em torno das atitudes e valores, nos seguintes quesitos: demonstram interesse em aprender e realizam as atividades propostas. Analisamos também as notas, para verificar as médias perdidas. Com os dados em mãos, objetivava conhecer as expectativas dos professores em relação àqueles alunos.

O gráfico 4, mostra o percentual dos 64 estudantes que perderam média conforme boletim escolar.

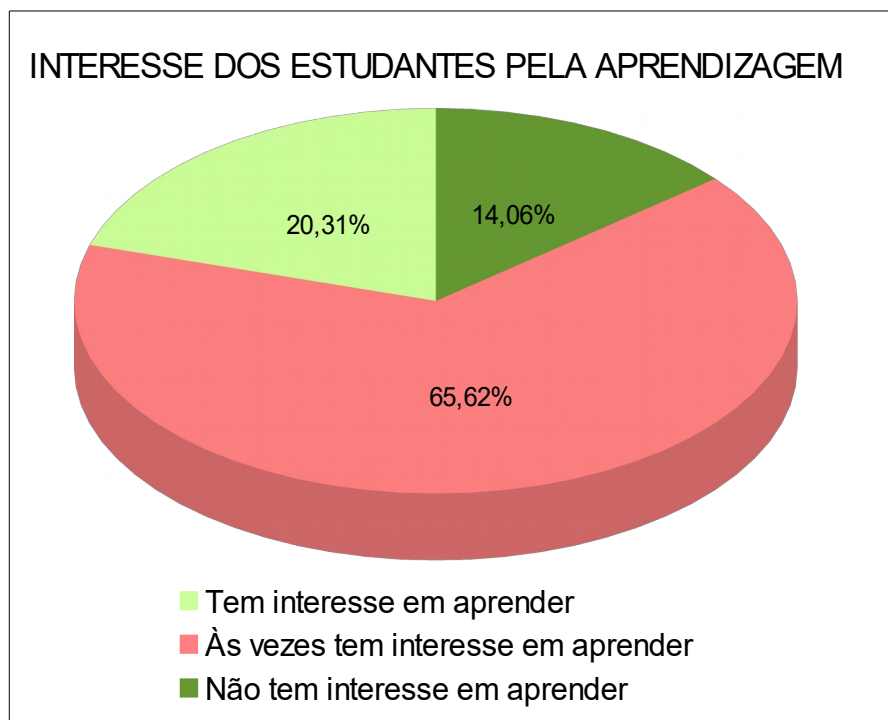
#### **Gráfico 4 – Aproveitamento dos estudantes na 1ª etapa**



Fonte: dados dos boletins da 1ª etapa

O gráfico 5, mostra o percentual dos estudantes que manifestam interesse em aprender, conforme dados dos boletins da 1ª etapa.

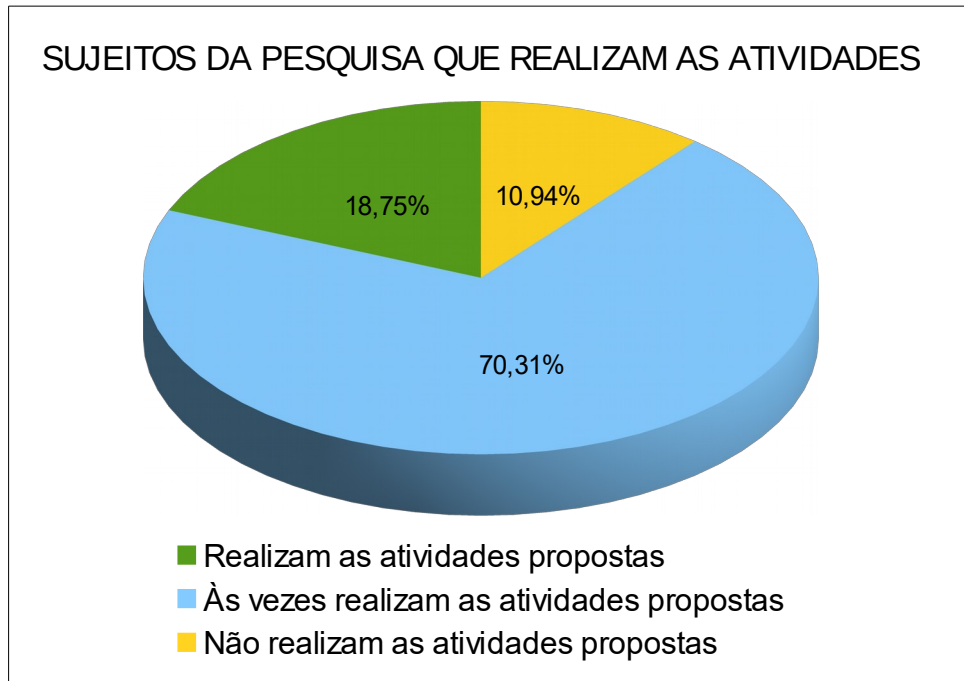
**Gráfico 5 – Estudantes manifestam interesse em aprender.**



Fonte: dados dos boletins da 1ª etapa

O gráfico 6, mostra o percentual dos estudantes que realizam as atividades propostas.

**Gráfico 6 – Estudantes que realizam as atividades propostas.**



Fonte: dados dos boletins da 1ª etapa

No dia 26/08/2019, participamos do conselho de classe dos 9ºs anos e no dia 29/08/2019, do conselho dos 6ºs anos. Nos 7ºs e 8ºs, os conselhos ficaram a cargo da coordenadora pedagógica geral. O motivo do interesse mais pelos 9ºs e 6ºs, deve-se ao fato de ser final de ciclo, onde existe maior possibilidade de retenção por aprendizagem e infrequência escolar.

No início da reunião, argumentamos com os professores que, apesar dos estudantes com problemas de faltas terem ido mal na primeira etapa por notas, era importante pensar que eles tinham condições de dar a volta por cima. Apenas 14,06% dos estudantes não tinham nenhum interesse pela aprendizagem dos conteúdos ministrados e que apenas 10,94% deles não realizavam as atividades propostas na 1ª etapa. Ciente da situação, já existia um acompanhamento, inclusive monitorando a frequência dos alunos, em que muitos alegaram a preocupação de não perderem o ano letivo, estando dispostos a reverter o quadro.

Analisamos caso a caso. Os professores disseram que, alguns desses alunos, ainda necessitam de mais uma conversa, mas que tem potencial para

aprovação, apontando 3 casos que exigiam mudanças drásticas para não serem retidos. Um dos estudantes candidato à retenção, Marcos, aluno do 9º ano, possuía como principal problema, segundo os professores, não a infrequência e sim algumas defasagens. O professor de língua portuguesa, contra argumenta, que o aluno em questão ainda tem possibilidade de ser resgatado, já os demais professores pensam que ele realmente é um caso de retenção.

O aluno Henrique, do 9º ano, que me concedeu entrevistas, explicando o porquê de ter dado superado seu problema de infrequência, foi classificado pelos professores como um caso de aprovação. Segundo os professores, esse aluno precisa ser acompanhado de perto, pois tem algumas defasagens, porém, na opinião de todos os professores, o mesmo consegue.

A aluna Helena, do 9º ano, também chamou-nos a atenção, pois tem um número elevadíssimo de faltas; e durante o monitoramento a aluna simplesmente parou de faltar, levando os estudos a sério. Segundo a professora de matemática, a aluna piorou em relação ao ano anterior, mas tem muito potencial para aprovação.

No conselho de classe do 6º ano, a maioria dos professores não acreditam em retenção. Enxergam a mesma como um retrocesso. Ninguém daqui entre nós, acredita que a reprovação escolar tem o poder de mudar o mundo, relata a professora de história.

A estudante Graziela, aluna do 6º ano, que deu uma das entrevistas, pelo fato de ter a mãe doente, é uma excelente aluna, segundo os professores. Sua aprovação é defendida por unanimidade.

No conselho de classe, a conclusão que se pode tirar é que poucos dos alunos serão retidos por aprendizagem, a maioria será promovida. O sentimento foi de alívio perceber a evolução desses estudantes.

#### **4.5. Monitoramento diário dos estudantes**

A ideia de monitorar a presença dos estudantes em sala, nasceu de um *insite* na primeira sessão de Grupo Focal. Dissemos aos alunos no dia 24/06/2019, que a intenção era ajudá-los a virem para a escola e que os visitaria diariamente.

No começo a ideia foi aceita, mas os alunos estavam com medo do constrangimento. Antes de implementar tal ação, o diretor tentou traçar o perfil dos

alunos, por meio da análise documental e do SGE, com o intuito de saber a trajetória escolar de cada estudante. Por meio dessa análise, o diretor concluiu que era preciso incentivar os estudantes, de modo a fazerem acreditar que era possível reverter o quadro de infrequência, no qual se encontravam.

Ao mesmo tempo, que o monitoramento acontecia, paralelamente se dava as entrevistas com as famílias. Dessas entrevistas, passamos a utilizar o recurso tecnológico do aplicativo whatsapp. Sempre que participava de uma entrevista, pedia o contato para as famílias.

Chegando às portas das salas, pedia-se licença ao professor, fazia-se a chamada dos alunos geralmente infrequentes. Aos alunos com maiores problemas de infrequência, dizíamos: que bom que você veio! Quero te ver amanhã! O meu objetivo, era fazer com que o aluno realmente viesse no dia seguinte. Não via outra alternativa naquele momento que não fosse incentivá-los.

Com o passar do tempo, percebemos que os adolescentes gostavam de ser cobrados. Ficamos alguns dias sem ir às salas, propositalmente, entre os dias 09/09/2019 e 13/09/2019, para ver o comportamento dos estudantes em relação a frequência e no dia 16/09/2019, o aluno Edivaldo, de 14 anos, aluno do 9º ano, foi a sala da direção e perguntou o que estava acontecendo pois na semana anterior não tinha ido a sala dele. Disse que estava com saudades das minhas cobranças.

A ação do monitoramento diário foi importante, pois pôde-se verificar seus resultados, o quanto valeu ou não incentivar aqueles estudantes. Quando chegava à porta da sala e os estudantes não estavam, quase que instantaneamente, perguntávamos para os pais, via whatsapp, o motivo pelo qual o filho não havia comparecido naquele dia. Daqueles que se não tinha o número, às vezes buscava-se no registro do estudante, na secretaria, o contato de seus responsáveis ou esperava o estudante na entrada da escola, no dia seguinte às 7 horas.

Ao me deparar com o estudante, o mesmo justificava o motivo de ter faltado ou entregava algum documento que o abonava (atestado ou declaração de consulta médica). Os pais, também começaram a usar o aplicativo em favor deles. Às vezes antecipavam que o filho não iria à escola, ou enviam fotos dos atestados médicos. Não houve nenhum problema em relação às famílias com o uso dessa rede social. O contato sempre foi feito de forma individual, nunca em grupos.

A tabela 1 a seguir, mostra o dia a dia, de 09 de agosto de 2019 a 11 de outubro de 2019.

**Tabela 1 – Total de alunos faltosos sujeitos dessa pesquisa**

Data	Total de alunos faltosos	Data	Total de alunos faltosos	Data	Total de alunos faltosos
12/08/19	15	03/09/19	4	23/09/19	5
13/08/19	10	04/09/19	4	24/09/19	4
14/08/19	12	05/09/19	2	25/09/19	1
19/08/19	18	06/09/19	11	26/09/19	8
20/08/19	8	09/09/19	6	30/09/19	7
21/08/19	8	10/09/19	15	01/10/19	7
22/08/19	13	11/09/19	6	02/10/19	10
23/08/19	11	12/09/19	5	03/10/19	3
26/08/19	8	13/09/19	8	04/10/19	4
27/08/19	9	16/09/19	10	07/10/19	6
28/08/19	8	17/09/19	2	08/10/19	6
29/08/19	4	18/09/19	8	09/10/19	5
30/08/19	0	19/09/19	6	10/10/19	6
02/09/19	11	20/09/19	1	11/10/19	2

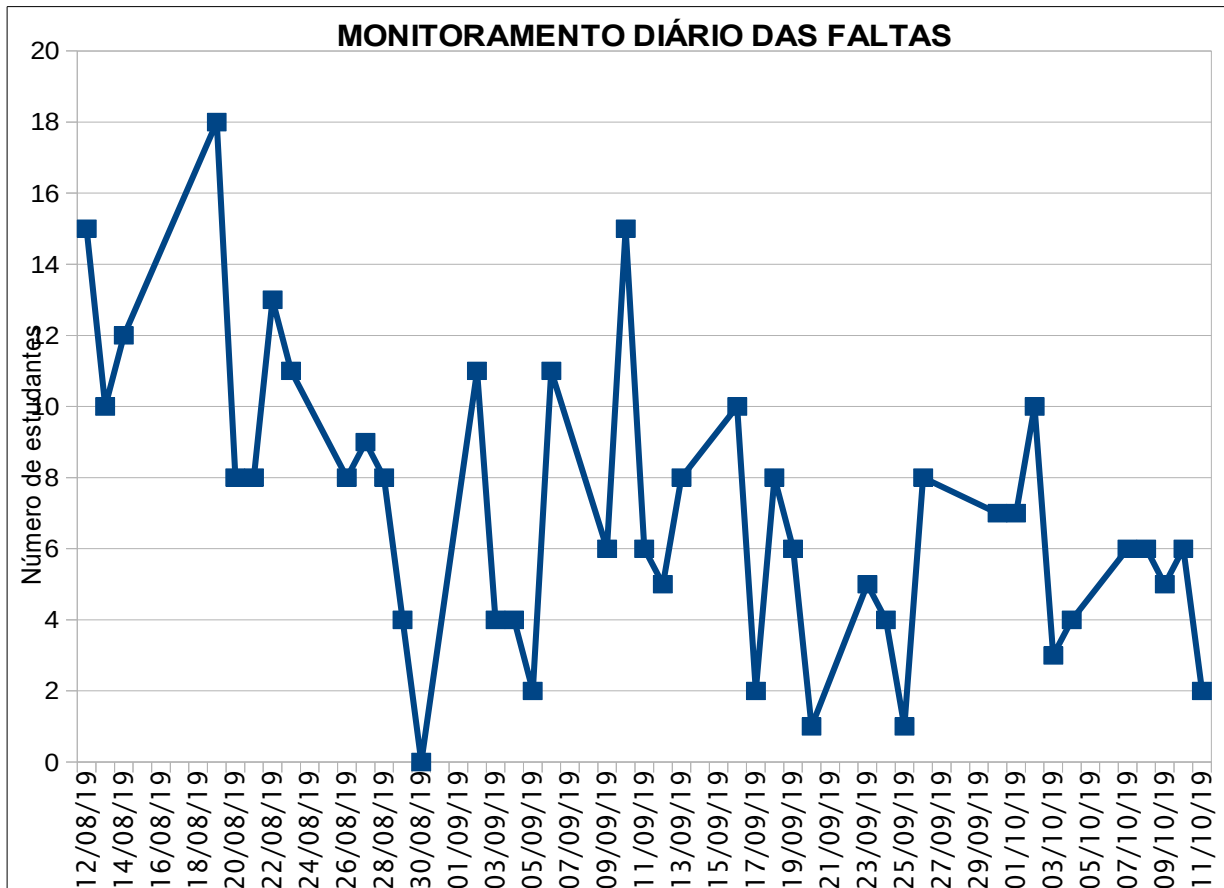
**Fonte: monitoramento da presença dos estudantes.**

Entre os dias 09/09 e 13/09/2019, o pesquisador deixou de ir à porta das salas, para então, analisar o comportamento dos estudantes em relação às faltas. Percebe-se que não houve um acentuado número de faltas nessa semana. O número máximo de discentes faltosos foi notado na terça-feira, dia 10/09/2019 e no dia 16/09/2019, i uma segunda-feira, após essa semana.

O gráfico 7 a seguir, mostra o comportamento dos estudantes ao longo de todo o monitoramento realizado.

**Gráfico 7 – Monitoramento diário dos estudantes**





Fonte: dados da pesquisa.

Fazendo uma análise minuciosa do gráfico e da tabela apresentada, percebe-se que a ação implementada colheu resultados positivos. No início da realização dessa ação, os estudantes já estavam sendo incentivados e mesmo assim, chegamos no ápice de 18 estudantes faltarem, mas que ao final, os mesmos foram entendendo o objetivo do trabalho e foram respondendo de acordo com a expectativa do pesquisador.

Durante os 42 dias letivos dessa ação, a média de faltas desses estudantes girou em torno de 7 estudantes por dia letivo.

Momentos como o dia 30/08/2019, onde todos os estudantes estavam presentes dentro da escola, e os dias 20/09/2019 e 25/09/2019, onde somente 01 aluno desses haviam faltado, revelou o sucesso da ação, que foi compartilhado com diversos professores, vice-diretor, coordenação pedagógica e coordenação pedagógica geral. Sentimo-nos vitoriosos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer os motivos que levavam à infrequência dos estudantes na escola estudada, não foi um fator paralisante. A partir do conhecimento de quais os alunos eram infrequentes, optou-se para a implementação de ações que minimizassem suas ausências.

O incentivo promovido e o monitoramento diários, foram, sem dúvida, o que trouxe de volta os estudantes para tentarem o sucesso.

Pôde-se perceber, assim como Barros (2013) e Santos (2019) que a infrequência é um fator complexo com determinações diversas. Mesmo conhecendo esses fatores, vi que é possível para os diversos atores da escola atuarem no combate a infrequência escolar. A principal estratégia utilizada foi dar esperança, fazer com que os estudantes novamente acreditassem no seu percurso. A aluna Helena e o aluno Henrique, ambos do 9º ano, vislumbram o sucesso e a passagem para o ensino médio no ano que vem. Os dois, praticamente, não tinham perspectivas quanto ao êxito no final do ano de 2019.

Sabendo que em qualquer processo formativo é imprescindível que o aluno esteja presente, essa pesquisa, foi de extrema relevância para a escola, podendo servir de norte para as próximas gestões atuarem no combate a infrequência.

O monitoramento continuará sendo feito até o final do ano e também no ano que vem desde o início. As próximas gestões que vierem, poderão utilizar desse trabalho, que estará à disposição na biblioteca da escola como fonte de pesquisa. O estudo também pode inspirar novas possibilidades de atuação, para além dessas que foram aqui realizadas, com o foco no combate ao absenteísmo dos estudantes dentro da escola.

Outro fato que merece destaque nesse estudo é aquele que aponta nessa escola que as famílias dos estudantes pesquisados não são omissas, como afirmam diversos professores em conversas informais. Apesar de a maioria dos responsáveis não comparecer à reunião de pais da 1ª etapa, a maioria deles compareceu ao chamado da direção para as entrevistas. Um total de 67,18%. O que faz pensar que a reunião de pais é um dia engessado e que nem sempre é possível estar presente frente aos diversos compromissos familiares. A entrevista por sua vez, foi feita de forma flexível, onde a família atendia de acordo com sua

disponibilidade. Segundo Lahire (1997). O tema omissão parental é um mito, uma profunda injustiça interpretativa que se comete quando evoca uma “omissão” ou uma “negligência” dos pais.

Percebeu-se também, que houve uma aproximação dos pais desses estudantes com a escola, os mesmos têm preocupação em comunicar quando os filhos estão passando mal ou quando não podem ir à escola. O uso tecnológico da rede social, whatshapp, foi de grande valia para essa pesquisa e contribuiu para o estreitamento das relações entre escola e família.

A escola é preparação para a vida.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, R. A. **A família e o fenômeno do absentéismo discente no ensino fundamental em uma escola municipal de Belo Horizonte**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei n. 12.013, de 06 de agosto de 2009. Altera o art. 12 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, determinando às instituições de ensino obrigatoriedade no envio de informações escolares aos pais, conviventes ou não com seus filhos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 6 de agosto de 2009.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. vi, 405 p.

FRASER, M. T. D. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, 2004, 14 (28), 139-152.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares. As razões do improvável**. Editora Ática, 1997.

NOGUEIRA, M. A. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. **Análise Social**, Lisboa, vol. xl, n. 176, p. 563-578, 2005.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUERIA, C. M. M. **Bourdieu & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOGUEIRA, M. A. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias. A ação discreta da riqueza cultural. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr, Nº 7, p. 42-56, 1998.

SANTOS, E. C. **Infrequência escolar e relação família-escola: perspectivas de professores, estudantes e mães/responsáveis**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

**APÊNDICE I****ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES.**

- 1) Como foi o seu desempenho escolar no primeiro trimestre?
- 2) Quais motivos você atribui a esse desempenho?
- 3) Seus pais/responsáveis compareceram a reunião de pais da 1ª etapa?
- 4) Quais motivos levam você a faltar com frequência a escola?
- 5) Seus pais/responsáveis sabem quais os motivos de sua infrequência?
- 6) O que você pode tentar fazer para contornar essa situação e voltar a frequentar a escola com normalidade?

## ANEXO I

## FOTO DO BOLETIM ESCOLAR



PREFEITURA MUNICIPAL  
DE BELO HORIZONTE

BOLETIM ESCOLAR - ENSINO FUNDAMENTAL

ANO

1 DADOS DA ESCOLA										
ESCOLA MUNICIPAL										
2 DADOS DO ALUNO										
NOME										
DATA DE NASCIMENTO	CÓDIGO RME	CICLO			TURMA		TURNO			
3 ATITUDES E VALORES										
TRIMESTRES		1*	2*	3*	TRIMESTRES			1*	2*	3*
ORGANIZA SEU MATERIAL ESCOLAR				PARTICIPA COOPERATIVAMENTE DAS ATIVIDADES EM GRUPO						
TEM INTERESSE EM APRENDER				CONSERVA O MATERIAL DE USO COLETIVO						
CUMPRE REGRAS, COMBINADOS E HORÁRIOS				SABE OUVIR E RESPEITAR AS OPINIÕES DOS COLEGAS						
REALIZA AS ATIVIDADES PROPOSTAS				RESPEITA O PRÓXIMO, É SOLIDÁRIO E TOLERANTE						
EMITE OPINIÕES COM CLAREZA, SEGURANÇA E SABE ARGUMENTAR SOBRE SEU PONTO DE VISTA										
CONCEITOS: S – SIM    N – NÃO    AV – ÀS VEZES										
4 COMPONENTES CURRICULARES								RESULTADO		
BASE NACIONAL COMUM	TRIMESTRES		1*	R	2*	R	3*	R	OER	TA
PARTE DIVERSIFICADA										
R: RECUPERAÇÃO    OER: OPORTUNIDADE ESPECIAL DE RECUPERAÇÃO    TA: TOTAL ANUAL    S: SEM AVALIAÇÃO    X: O ESTUDANTE NÃO REALIZOU OS ESTUDOS DE RECUPERAÇÃO										
FREQUÊNCIA POR TRIMESTRE					CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO E RECUPERAÇÃO					
TRIMESTRES	1*	2*	3*	TOTAL	O REGISTRO DO RENDIMENTO DO ESTUDANTE É FEITO POR MEIO DE PONTUAÇÃO CUMULATIVA, TOTALIZANDO 100 (CEM) PONTOS ANUAIS, DISTRIBUÍDOS EM TRÊS TRIMESTRES AO LONGO DO ANO LETIVO. 1º TRIMESTRE – 30 PONTOS; 2º TRIMESTRE – 30 PONTOS; 3º TRIMESTRE – 40 PONTOS. A) DEVERÁ PARTICIPAR DOS ESTUDOS DE RECUPERAÇÃO O ESTUDANTE QUE OBTIVER PONTUAÇÃO INFERIOR A 60% DO TOTAL EM CADA TRIMESTRE, INDEPENDENTEMENTE DA QUANTIDADE DE DISCIPLINAS. B) OS ESTUDANTES DO 1º E 2º ANOS DE CADA CICLO QUE OBTIVEREM PONTUAÇÃO INFERIOR A 60% DO TOTAL ANUAL EM QUALQUER DISCIPLINA, PROSSEGUIRÃO SEUS ESTUDOS NO ANO SEGUINTE DO CICLO. C) FICARÁ RETIDO: 1º CICLO – O ESTUDANTE DO 3º ANO DO 1º CICLO QUE OBTIVER PONTUAÇÃO INFERIOR A 60% DO TOTAL ANUAL EM LÍNGUA PORTUGUESA E/OU MATEMÁTICA. 2º CICLO – O ESTUDANTE DO 3º ANO DO 2º CICLO QUE OBTIVER PONTUAÇÃO INFERIOR A 60% DO TOTAL ANUAL EM MAIS DE DUAS DISCIPLINAS. 3º CICLO – O ESTUDANTE DO 3º ANO DO 3º CICLO QUE OBTIVER PONTUAÇÃO INFERIOR A 60% DO TOTAL ANUAL EM QUALQUER DISCIPLINA.					
FALTAS DIAS										
FALTAS HORAS										
FICARÁ RETIDO O ESTUDANTE QUE, AO FINAL DO ANO LETIVO, TOTALIZAR MAIS DE 200 HORAS DE FALTAS										
OBSERVAÇÕES										
5 RESULTADO FINAL					CARIMBO DA ESCOLA					
6 RESPONSÁVEL PELO PREENCHIMENTO										
DATA DE EMISSÃO					ASSINATURA					

MEM - 01004140 - E/G

Scanned with  
CamScanner

04/08/2015 - GERIN